

SUL

22

EXPEDIENTE

SUL

Revista do Círculo de Arte
Moderna

Ano VII — Florianópolis,
Julho 1954 — N. 22

CAIXA POSTAL, 384

Florianópolis — Santa Catarina —
Brasil

Diretores:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,
Hugo Mund Jr., J. P. Silveira de
Sousa, Luis Santos, Odílio Ma-
lheiros Jr., Ody Fraga, Osvaldo F.
Melo (filho), Pedro T. Taulois.

Sul acolherá em suas páginas,
com a maior simpatia, tôda a co-
laboração enviada, de qualquer
parte do Brasil, e do exterior, espe-
cialmente dos jovens, se reservan-
do porém o direito de escolha para
publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e
decorrem, as responsabilidades, de
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido
a esta revista, independentemen-
te de crítica assinada, será regis-
trado.

Desejamos manter contacto e
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5.00

Assinatura Anual (4 números)
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-
das diretamente à direção, por va-
le postal ou carta registrada com
valor declarado.

REPRESENTANTES:

No Brasil

Lajes (Santa Catarina)

Guido Wilmar Sassi

Caixa Postal, 288

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)

Antônio da Silva Filho

R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier

R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa

R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)

Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia

R. Democratas, 9

Aracajú (Sergipe)

J. M. Fontes

R. Lagarto, 1571

Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão

R. do Peixoto, 368

João Pessoa (Paraíba)

Geraldo Sobral de Lima

Rua Duque de Caxias, 413

Natal — R. G. do Norte

Aluizio Furtado de Mendonça

Av. Rodrigues Alves, 696

Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho

R. Lisandro Nogueira, 1223

São Luiz (Maranhão)

Lago Burnet

R. Colares Moreira, 546

No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)

Dr. Manuel Pinto

Nampula — África O. Portuguesa

Augusto dos Santos Abranches

Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)

Blanca Terra Vieira

Strassburg — França

Pedro T. Taulois

U. S. A.

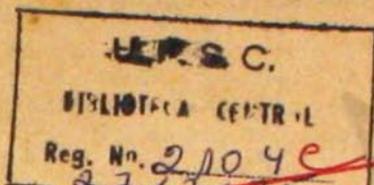
Richard M. Morse

NOSSA CAPA:

Mastros — Desenho de Orlando Ferreira de Melo

SUL

SC
7(05)
5949



Biblioteca Universitaria

LIÇÃO DE NERUDA

Neruda, quando lê os seus versos, se transforma e a sua voz não é só uma voz metálica, sonora, triste ou macia é, antes de tudo a voz da natureza. E a voz da natureza é a poesia. É a cidade, a rua, o campo, o mar, a terra; o céu. É o mundo. Sua voz é a paz, o amor, a inocência. É a infância. E todo o seu tesouro poético vem de lá. No fundo do quintal de sua residência, mãos inocentes acenaram do outro lado da cerca, para sua meninice, plena de ternuras. Desde então ele acompanha, pelo mundo, o vôo dessas pequeninas asas brancas e, resultado, sua poesia e a voz das coisas todas. Ele ouve e entende as manifestações da natureza que o rodeia, conhece perfeitamente a sua linguagem, como uma criança que conversa, repreende, acaricia, e entende, tanto quanto aos homens, a cadeira, a madeira, o gato, o cachorro e o próprio chão. Ensinou-me Neruda que a poesia está em tudo que tocamos, em tudo quanto vemos, em tudo quanto existe e o maior sacrilégio dos homens é negarem ou não permitirem que a criança viva intensamente a sua infância.

Anibal Nunes Pires

Conheça o movimento editorial e os novos autores catarinenses

ADQUIRINDO

**CONTISTAS NOVOS DE
SANTA CATARINA**



Edição **SUL** - 7

organizado por Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e Salim Miguel;

introdução de Nereu Correa;

ilustrado por artistas plásticos catarinenses;

Capa de Antônio Faria.

Preço: Cr\$ 30,00

Nas Livrarias ou pedido diretamente à revista "SUL".

INTRODUÇÃO

Se dermos um balanço nos resultados negativos e positivos do chamado movimento modernista, teremos de incluir, necessariamente, entre êstes últimos, a reabilitação do intelectual da província, o reconhecimento dos valores que antes viviam à margem da cultura brasileira, ignorados das elites que pontificavam na metrópole das letras, onde distribuíam, paternalmente, aos que iam chegando, as lúreas consagratórias ou a senha que lhes franqueava as colunas dos jornais ou as portas das academias.

Releva notar, todavia, que não foi por uma ação deliberada que se processou a integração do intelectual da província no panorama cultural do Brasil, mas pelo novo rumo que se imprimiu aos estudos das nossas realidades, através de profundas pesquisas no campo da sociologia, da história, da etnografia e do folclore. A ficção, por sua vez, enriqueceu-se de novos elementos, extratados sobretudo da vida brasileira, com as suas raízes telúricas e os seus dramas sociais.

Bastou essa circunstância para que o movimento irrompido na Paulicéia em 1922 não se perdesse totalmente no vácuo, na agressividade do ímpeto inicial, na fúria iconoclasta dos primeiros arremessos, em que parecia tudo sacrificar ao anedótico, à blague, ao disparate "pour épater le bourgeois".

Com efeito, os rapazes da arte moderna, ao se rebelarem contra os deuses do Partenon, caíram no extremo oposto. Na ânsia de derrubar dos seus pedestais os ídolos de barro, feriram, também, na sua incoercível irreverência, alguns deuses de verdade. Nem Camões escapou à sanha demolidora dos fundibulários. Mas Camões não se derruba com tiros de pólvora seca ou projéteis lançados com estilingue. Isso tudo devia ser brincadeira. Brincadeira de mau gosto, é verdade, mas brincadeira.

Nessa primeira fase, de aspecto radicalmente destrutivo, cortaram-se tôdas as amarras no tempo e no espaço: no tempo, pelo rompimento com os valores do passado que já se haviam esgotado; no espaço, levantando barreiras aos temas de importação estranhos à paisagem física e humana do nosso País.

Passado êsse período de aspecto negativo com interpolações colaterais, de movimentos de ação espasmódica e coloração néo-indianista, povoados de duendes, jaguares e tapires, a revolução evoluiu para uma segunda etapa, já agora com um sentido mais consciente e ordenado, reatando as relações com os valores universais da literatura sem, contudo, divorciar-se do meio brasileiro.

Começou aí o intercâmbio cultural entre a província e a metrópole. Não é de admirar, pois, que as grandes figuras das letras nacionais aparecidas nessa época fôssem da província, como Gilberto Freyre, José Lins de Rego, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, José Américo, Graciliano Ramos e vários outros.

Todos êsses escritores, antes mesmo de se mudarem para o Rio, já se tinham projetado no âmbito nacional. Alí continuaram escrevendo as suas obras, longe da província, mas a ela vinculados pelos seus livros, que jamais deixaram de exprimir, no seu material romanesco ou poemático, o inesgotável cromatismo do meio e da paisagem vividos pelo autor.

Nos jornais surgiram as secções de letras e artes, os suplementos literários, e, na vida social, as igrejinhas literárias, em que se discutia teatro, poesia, estética, cinema, crítica literária e... política. Porém, a grande safra dessas arrebentações post-modernistas foram as revistas literárias, que logo se espalharam pelo Brasil, levando a todos os recantos a mensagem do moço provinciano. Essa erupção pode-se dizer epidêmica de literatura impressa em fôlhas volantes, recebidas sempre com simpatia pelos meios culturais do Rio de Janeiro, assinalou a fase semi-autonomista da vida intelectual na província pelo fecundo ativismo das suas forças criadoras. Digo semi-autonomista porque, talvez com exceção de algumas capitais, como São Paulo, Recife, Bahia, Belo Horizonte e Pôrto Alegre, tôdas as demais continuam caudatárias da Metrópole, que age como bomba de sucção na força centrípeta do seu prestígio intelectual.

É dessa época o aparecimento da revista "Sul", lançada e mantida, desde 1948, por um grupo de rapazes que ansiava por conquistar um lugar ao sol. Tomaram quase de assalto a cidadela das letras catarinenses, a bela adormecida à beira da praia, sob o doce acalanto das ondas do mar. Cairam sôbre ela como forte rajada de vento sul, que às vêzes nos fustiga a face, mas, também, areja as coisas e limpa a paisagem. Aqui, como alhures, os moços se descomediram em excessos, e por isso sofreram os repelões dos veteranos. Mas, como vinham animados de um forte ideal, a revista venceu tôdas as dificuldades e continua acolhendo a matéria dos novos, estimulando as nascentes vocações para as letras. E note-se que isso é um prodígio de sobrevivência, pois a estatística das revistas que desaparecem logo nos primeiros números corre parrelha com a do obituário infantil em nosso País.

* * *

Convidado para escrever o prefácio dêste volume de contos da nova geração de intelectuais catarinenses, confesso que me senti embaraçado, pois não sou crítico e de há muito que me encontro afastado de qualquer atividade literária, não me considerando, por isso, em condições de executar a tarefa que amavelmente me foi atribuída.

Se a aceitei, foi tão sômente pelo receio de não vir a ser compreendido na minha recusa por êsses moços a cuja geração não pertencço, mas a que estou ligado por laços de forte simpatia intelectual. Simpatia pelo que há de ousado, de fermentante e imaturo nessas jovens inteligências, das quais hão de sair os valores de amanhã. Creio não

ter sido outro o motivo que os levou a pedir-me um prefácio que, em última análise, pouco ou nada representa como opinião e julgamento. Aliás, devo esclarecer que não está, mesmo, nos meus propósitos, fazer o julgamento dos trabalhos aqui reunidos. Apenas, desejo chamar a atenção do leitor para os dois aspectos que me parecem fundamentais nessa produção de jovens autores catarinenses: um é de natureza intrínseca, por isso que está ligado ao gênero ou, melhor, à essência mesma desse tipo de ficção; o outro é de caráter circunstancial ou histórico, porque reflete a sensibilidade de uma época e a sua influência nas novas gerações.

A maioria dos trabalhos enfeixados neste volume obedece, na composição e na técnica, às normas (se é que existem normas para esse gênero literário) do conto moderno. Isso equivale a dizer que os seus autores escolheram o caminho mais difícil. Na verdade, compor um enredo, lançar os dados preliminares de uma história e conduzir a ação num crescendo de intensidade para armar o desfêcho dramático, é porventura mais fácil do que dissociá-la na sua unidade real para recompô-la psicologicamente, dentro dessa transposição de planos que se processou do conto clássico para o moderno. Acontece, às vezes, que o autor nem sempre se dá ao trabalho de inventá-la. A própria vida se encarrega de urdir a trama romanesca e oferecer-lha já pronta e com requintes de fabulação que ultrapassam, não raro, a própria capacidade inventiva do artista. Isso não significa, evidentemente, que o conto à maneira antiga se resume numa simples narrativa de situações da vida real ou imaginária. A diferença está no processo de composição, que se nos afigura muito mais denso e complexo quando aplicado nesse tipo de literatura que se caracteriza pela refração dos acontecimentos na vida interior dos personagens, cujas emoções não se exprimem em gestos e atitudes, ação e movimento, para compor a tessitura novelesca, mas nos vão mostrando o que se passa lá fora, no mundo extra-psicológico, por ação reflexa e pelo poder sugestivo.

Não afirmo que estes moços conseguiram vencer todos os obstáculos oferecidos por essa espécie de literatura, para a qual muitos se sentem atraídos, mas poucos, na verdade, são os que conseguem realizá-la plenamente. Há, mesmo, quanto ao padrão literário, evidente falta de unidade nesses contos, o que talvez se explique pela diferença de idade entre os autores, jovens, todos, embora alguns com mais experiência do "métier", como Salim Miguel, Aníbal Nunes Pires, Osvaldo F. de Melo (filho) e Guido Wilmar Sassi, cujos trabalhos já oferecem material para um julgamento mais seguro das suas possibilidades de ficcionistas.

Essa circunstância, — a imaturidade — explica e, mesmo, justifica, em alguns destes contos, os defeitos de construção verbal e certas deficiências de recursos estilísticos, não para fins ornamentais

(o que é um desvio da verdadeira função das palavras em termos literários), mas como elementos de realização artística. E tais recursos só se obtêm quando já se apurou e desenvolveu, pelo estudo e pela análise, o senso de equilíbrio de todos os elementos que entram no arcabouço fraseológico, no tecido da língua transfeita em emoção e harmonia. Mas, a despeito dessas deficiências, devidas mais à idade que à falta de talento, os autores desses contos revelam qualidades latentes para a ficção, algumas das quais realizadas com êxito nos trabalhos aqui reunidos, como o poder inventivo, a vivacidade dos diálogos, o aproveitamento de ângulos aparentemente triviais da vida quotidiana, visualidade interior e certa dramaticidade obtida no jôgo do elemento subjetivo, como é o caso, por exemplo, do conto "O rosto", de A. Boos Júnior, de grande e forte densidade psicológica.

A meu vêr, bastam tais predicados para recomendar o lançamento desta coletânea de contos como um acontecimento que não interessa sômente à literatura, mas também à história, porque vem marcar, com traços realmente expressivos, um momento de transição na vida literária do meio catarinense, com vários e iniludíveis sinais de evolução desde que apareceram as primeiras produções desse grupo que acampou nas fôlhas da revista "Sul". E aqui chego no segundo e último dos aspectos a que me referi no início deste artigo: o da participação desses moços na vida intelectual de Santa Catarina como promotores de um movimento que o futuro historiador literário não poderá omitir e nem deixar de esta^r eleger, nos seus exatos limites, o grau de influência que os escritores da moderna literatura brasileira exerceram sôbre essa geração.

NEREU CORRÊA

(Introdução ao volume: "Contistas Novos de Santa Catarina" — Edições "SUL" V — Florianópolis, 1954).

TRÊS APONTAMENTOS

UMA ESTRÉIA IMPORTANTE — PIÁ

Verdadeiramente não é, nem um pouco, uma surpresa, pois já conhecíamos de há muito o autor e suas possibilidades no terreno da ficção. Possibilidades das mais amplas. Vocação verdadeira, positiva, de ficcionista, para nós é ele o que mais promete entre os novos autores catarinenses. Aliás esse promete que aí atrás ficou é um bocado desagradável. É espécie de chavão, de lugar comum para se dizer de quem nada mais se pode dizer. Eliminemos portanto o "promete". Guido Wilmar Sassi — é dele que falamos — não é mais uma simples promessa, nunca foi uma promessa. É sim um autor novo de vastas perspectivas, uma vocação de verdadeiro escritor, que se realiza de forma insofismável neste seu livro de estréia.

Com seu livro de estréia (PIÁ — contos, edições "SUL", Florianópolis, 1953), se coloca não só como o melhor contista catarinense de qualquer época, mas um dentre os melhores contistas brasileiros das novas gerações. Contos como "Calor", "Fila", "Papeleta", e outros mais, a isto o credenciam. Guido Wilmar Sassi sabe como realizar uma história, como, em poucas linhas, traçar um perfil, caracterizar um estado de alma, dar um traço psicológico, gravar e erguer uma figura, pô-la a se movimentar diante de nós. E viver. Figuras de carne e osso, com suas paixões, passeiam pela obra. Exemplos do que afirmamos sobejam, bastando, para que nos certifiquemos, folhear o livro.

Lidando com crianças, pois o volume se compõe de 16 histórias todas elas abordando temas da infância, assunto onde muitos outros escritores se perdem, Guido sempre consegue manter o equilíbrio. As crianças são em verdade crianças. Pensam, vivem, agem e reagem como crianças. É este um ponto importante e muitas vezes esquecido pelos autores.

O tom do livro é firme, a linguagem, quase sempre, precisa e sóbria. Se às vezes parece abusar da repetição ou de um lirismo fácil e ultrapassado, meio a la idade heróica do modernismo, para caracterizar uma situação qualquer, não o faz tanto que se torne num cacete. Bem verdade que poderia, neste ponto, ter-se contido mais, se limitar um tanto. Ao fechar o volume, notamos que, em quase todos eles, esta constante permanece, se faz notar mais do que o necessário. Contudo, verdade é que o autor sabe tão bem jogar com as palavras, que não se torna monótono nem cansativo. Mas aí está a nossa dúvida maior. E por isto chamamos a atenção do autor. Não estará ele, às vezes, bem raro, tentando com este jogo de palavras esconder alguma deficiência? O importante é atacar os problemas de frente, tentar penetrá-los, desvendá-los, vencê-los. E não torneá-los. Temos certeza de que, em próximo volume, analisando, estudando este ponto detidamente, Guido saberá livrar-se deste quase cacete e vencê-lo.

O importante, o fundamental é que Guido Wilmar Sassi sabe o que quer, que fim atingir com sua literatura. É uma literatura firme, corajosa, positiva. Entranhada nos problemas humanos, mostra-nos sem subterfúgios a vida de misérias e dificuldades da população serrana. Através das histórias, entremeadas às crianças, desfilam figuras, problemas se amontoam, verdades são desvendadas. Guido nada encobre nem embeleza. Também não exagera. Conhece a justa medida, sabe a proporção exata. Enfronhado nos problemas, vivendo-os, sentindo-os, acompanhando-os desde pequeno, pode apresentá-

los sem exagêros e com fidelidade. E se não apresenta solução, se não faz a tão discutida e por vezes detestável literatura de tese, não é; nunca, um alheio, mas um participante, no melhor sentido da literatura participante. Se não apresenta soluções aos problemas é porque, vivendo com o personagem, integrando-se nele, pensando, sendo o personagem, só pode reagir como este reage. E este não tem ainda consciência clara, visão nítida dos problemas e das soluções. Portanto a nosso ver a atitude de Guido é a atitude certa. Agir de maneira diversa seria falsear a verdade, fugir à realidade e aos fatos, não encará-los como devem ser encarados.

Quem conhece as nossas populações do interior sabe que na maioria das vezes elas' mais vegetam do que vivem, com mil e um preconceitos que lhes tolhem a liberdade, intimidades, acovardadas, com relâmpagos, reflexos passageiros de reação e revolta. Buscando uma solução, mas desnorteadas. Assim, nas entrelinhas, as mostra Guido. Por vezes, com um leve toque, grava, fixa um ridículo, como a velha dos peitos de "Fila" ou o jornalista do mesmo conto. Em outras apresenta um enigma, um fato, e como êle vai se aclarando aos olhos do personagem principal — sempre uma criança — como em "Diferença". Noutros é a poesia, leve, difusa, pairando em tudo, "mansfieldeana", como em "Mudança".

O principal é que lidando com crianças e compreendendo-as, analisando-as, sentindo-as, fazendo-as viver, Guido cria (ou recria), num ambiente que todos reconhecem como o da zona serrana, uma nova maneira de ver e estudar, e realizar uma literatura catarinense. De sentido brasileiro, de sentido universal. Se bem que de ambiente regional, local, os contos possuem em alto grau uma característica que os universaliza: o tom humano que percorre todos êles, a sinceridade que os domina. E os torna obras de arte. O importante na obra de arte é partir do regional para o universal; do particular ao geral. Dar uma mensagem do que é seu, mas uma mensagem que embora não deixando de ser dali, daquela parte da terra, facilmente reconhecível, com seus costumes e modismos, possa ser entendida e admirada em qualquer outra parte.

Não abusar do regionalismo — que é um mal. Não fazer cosmopolitismo — que é outro mal talvez maior.

Fazer arte.

E Guido o consegue.

Se um certo desequilíbrio ainda se nota, é natural. Se uma certa desigualdade ainda existe — influências muito a flor da pele, muito notadas, maneiras de ser e reagir muito semelhantes a outras — é mais que natural. Demos dois exemplos: "Desejo" reflete clara influência de certo trecho de "Servidão Humana", de S. Maugham, enquanto "Mudança" é muito K. Mansfield. Mas coisas de somenos diante do real e incontestável valor do livro. Diante do poder do mesmo, poder de fixação da psicologia infantil muito especialmente.

Quando muitos jovens literatos brasileiros parecem andar desnorteados atrás de uma pseudo literatura, chafurdante, quando a literatura apresenta tantos aspectos negativos e mórbidos, com influências nocivas e alheias à cultura brasileira, quando uma busca desesperada e desesperante de originalidade toma a cabeça de alguns jovens autores, é bom ler-se um livro sério e equilibrado como o de Guido Wilmar Sassi. Um livro bem escrito, um livro humano, um livro que apesar do que apresenta — dificuldades de vida, crianças abandonadas e maltratadas, dor, miséria e fome, incompreensão e luta — é um livro, no fundo, positivo, um livro otimista, um livro

de confiança e fé no futuro, quando, conforme diz a dedicatória a todas as crianças do Brasil e do mundo quando "um dia, por mais distante que esteja esse dia, todos sejam felizes".

Com "PIÁ" Guido Wilmar Sassi se credencia, sem favor algum, mas de direito, a um lugar de merecido destaque entre os novos contistas brasileiros.

ANTÓN CHEJOV

Há precisamente 50 anos, mais precisamente em dois de julho de 1904, falecia Antón Chejov. Dizer-se que com a morte do autor de "Olhos mortos de sono" perdia a literatura mundial o seu maior contista, o mestre da história curta, é um lugar comum. Mas, que fazer? Também os lugares comuns, por vèzes, são necessários — e aqui, neste nosso caso particular, tão necessário que nada mais encontramos podendo exprimir melhor o que desejamos. Lugar comum, chavão — vá lá! A verdade incontestável é que com a morte de Antón Chejov perdia a literatura mundial o seu maior contista.

Criador de um estilo todo próprio, pessoalíssimo e personalíssimo, sabendo fazer viver suas histórias de pequeninos nada, colhendo como ninguém um flagrante para fixá-lo de maneira indelevel em poucas palavras, numa frase ou num adjetivo, Chejov, não só se tornou um mestre do conto mundial, como formou escola, teve milhares de seguidores — que nunca conseguiram atingir a perfeição do mestre da narrativa curta.

Falar em Chejov é falar em G. Maupassant, é falar em K. Mansfield. Os três são nomes inseparáveis, definem três tendências, caracterizam três maneiras de ser, de analisar, de fixar e gravar suas reações diante do mundo, de realizar seus trabalhos artísticos.

Maupassant, torturado pela forma — não fôsse como foi discípulo de G. Flaubert, só tendo publicado seus primeiros trabalhos depois do "visto" do mestre de "Educação Sentimental" — construía uma história, erguia-a, relatava-a, criava um caso, desenvolvia-o normalmente e lhe dava um final, um destino, um desfecho. Seus personagens nunca ficavam no ar, não deixavam, quase nunca, uma interrogação no espírito do leitor. E dentro desta sua concepção realizou obras verdadeiramente magníficas, bastando citar o nunca demais citado "Bola de Sebo", que além de tudo serve perfeitamente para caracterizar e destacar mais tôdas as qualidades e defeitos do autor. A par da precisão dos tipos, do traçado perfeito dos caracteres, do corte psicológico exato, uma certa frieza no manejo da história, no desenvolvimento do tema, na sua concatenação e conclusão, provocadas talvez, quem sabe, por aquela busca exagerada da perfeição formal. Aliás, sob este aspecto, para sermos francos, é em "Bola de Sebo" onde quicá menos se percebe isto que chamamos de frieza. Talvez devido ao tema em si que tão de perto o tocava, como aliás toca todo verdadeiro francês. Destaquemos que a principal característica de G. Maupassant seja o que podemos chamar de começo, meio e fim da história, que ora vem naturalmente, como consequência lógica do desenvolvimento, ora de imprevisto, inesperadamente, surpreendendo leitor.

Em K. Mansfield a característica principal é o tom lírico, pouco lhe importando o desenvolvimento do tema. O tema serve-lhe como

motivação para divagar, para deixar-se levar pela sonoridade das palavras, por aquêlê lirismo difuso, pairando em tudo, em tôdas as coisas, impregando-as. Para a autora de "**Mudança**" tanto importa descrever um estado da alma como acompanhar a queda de uma fôlha. Sabendo como ninguém dominar a língua, tirar-lhe todos os efeitos, pede, exige releitura, difícil em se entregar a uma primeira visita. Mas abertas as portas, é um mundo pleno de lirismo aquêlê com o qual deparamos. Note-se, ademais, pelo diário, a maneira especial como trabalhava seus contos, como os conduzia, torturando-se para conseguir aquêlê clima lírico, aquêlê efeitos surpreendentes e que são a constante dos mesmos. Partia, muitas vezes, aparentemente de um nada, servindo-lhe êste nada não só de ponto de partida mas de linha mestra.

Em A. Chejov é a captação do flagrante, do momento que passa, do instante atual e que não retornará, com tôdas as nuances, em tôda a sua beleza e fealdade, sua ironia e lirismo. Em Chejov é o instante vivido — não importa que êsse instante não represente, a uma primeira vista superficial, qualquer coisa para o leitor. O autor está certo de haver captado a atenção do leitor, de o haver impressionado, o autor está certo de que o leitor voltará, procurará penetrar o seu enigma até o âmago.

Lírico, objetivo, realista, satírico, analista da alma humana e em especial da alma infantil, todos êstes vocabulos se coadunam com a maneira de ser do autor de "**O Pavilhão n. 6**", de "**Em casa**". de "**Camaleão**", de tantas e tantas outras autênticas obras primas. Trabalhador infatigável, deixou um número incalculável de contos, escreveu até a última hora, morreu, dizem, ditando um conto.

Mas não é apenas do Chejov contista que se pode falar, não é só êste que merece a nossa admiração, muito embora o preferamos a todos os outros. Há também o Chejov novelista, autor da maravilhosa "**Estepe**", como há o Chejov teatrólogo. E teatrólogo de grande importância. Se não fossem os contos, se não fôsse o Chejov contista a ofuscar os demais, não existisse êste, bastaria, para deixar um nome importante nas histórias de literatura, o Chejov teatrólogo.

Autor de inúmeras peças, dentre elas destacam-se: "**A Galvota**", "**Tio Vania**", "**O jardim das cerejeiras**", em que, a par do clima psicológico, podemos encontrar o artista preocupado com o seu ambiente e o seu meio, com o homem não personalidade aérea, metafísica, mas o homem comum e normal. Estudando os costumes de sua gente, vivendo, participando de seus dramas sociais e de suas angústias e alegrias, Chejov fixou uma época. Também o mesmo pode ser observado nas peças curtas, em um ato, como "**Pedido de casamento**", "**O Urso**", "**Aniversário de Fundação**", etc., onde, com traço firme e incisivo, num diálogo preciso, exato, são talhados os personagens.

Chejov não foi, como querem alguns, um desligado do seu meio. Ao contrário. Viveu intensamente o seu período, com tôdas as suas dores e esperanças. Sua obra bem reflete, bem demonstra esta constatação, a consciência que o autor tinha dos dramas que atravessava a humanidade. Participando através da pena, demonstrando a vida do povo, gravando e transmitindo um retrato preciso daquela época, pode-se dizer que ao lado do perfeito artista da pena se emparelhava um homem conciente da sua missão. Amando e procurando compreender e ajudar cada vez mais seu semelhante.

Valendo-se de uma classe intermediária, não utilizada pelo ocidentalíssimo Turguenief, nem pelo nobre e complexo Tolstoi, ou pelo torturado Dostoviewski, dos marginais ou ainda por aquêlê

Gorki colega e biógrafo dos deserdados da sorte, Chejov ergueu uma galeria impressionante de tipos, nem por isto menos verdadeira ou exata do que a dos seus companheiros, onde se destacam, mui especialmente, as crianças. Ninguém como êle compreendeu, soube penetrar a fundo a alma infantil, ninguém como êle soube, em rápidas pinceladas, deixar gravada, indelevel no espírito do leitor, uma criança, cada qual mais completa, das tantas que povoam sua obra magistral.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Completa, êste ano, o seu primeiro centenário de publicação, um dos livros mais importantes da literatura brasileira, verdadeiramente uma obra de fundamental importância entre as que se publicaram no Brasil em qualquer época. Queremos nos referir a estas "**Memórias de um Sargento de Milícias**", publicadas modestamente, primeiro em folhetim semanal no "Correio Mercantil", assinadas mais modestamente ainda por "Um brasileiro", mais tarde enfeitadas em volume e que, ainda agora, comemoram um melancólico centenário, esquecidas, sem que os donos dos suplementos e das revistas lhe dêem a merecida atenção.

Mais avulta ainda a nossa admiração pela obra ao sabermos que, quando a escreveu, pouco mais de vinte anos tinha o autor — e que a escreveu em plena época do mais desbragado romantismo. Fugindo a tôdas as regras vigorantes na época, desligando-se dos mestres mais categorizados, ofendendo os velhos retrógrados pela sua fuga aos cânones da época, Manuel Antônio de Almeida construiu uma obra pessoal, original, de tendência realista.

Não só no Brasil, província ligada por inteiro ao que vinha de fora, seguindo os modelos do exterior, em especial da França, não só no Brasil, mas em todo o mundo, o romantismo imperava, dominava, mandava. Ainda não estava assim tão perto a reação que viria conduzir a literatura e a arte para outros terrenos mais sadios, onde não era impensável morrer-se com 20 anos para se poder ter a láurea de bom poeta ou gênio. E Stendhal, publicando seu "**Le rouge et le noir**" poucos anos antes, ao dizer que se satisfaria com 100 leitores e que o livro apenas seria compreendido 100 anos depois, dava a medida do estado de espírito vigorante naqueles tempos, sabia o que estava dizendo.

Novela, romance, crônica ou o que quer que seja, importa aqui é dizer da importância dêste livro impar e que ficará como um marco na literatura do Brasil. É mais do que necessário falar-se em antes e depois das "**Memórias de um sargento de milícias**". Traçando, através das aventuras do sargento, um vigoroso e vivo painel da sociedade carioca, o autor nos põe em contacto com uma humanidade bem humana, de carne e sangue nas veias, não bonecos manejados por cordelinhos. Leonardo Pataca, o Vidigal, a Comadre, Luizinha, o Sargento, todos são personagens que ficam, que se gravam, que ainda hoje podemos encontrar pelas ruas. Depois as cenas, a sequência de fatos se desenrolando, os costumes de uma época passada e que ainda hoje nos chegam transmitidos por mão de mestre, tudo aquilo mais avulta ao se constatar que foi escrito no Brasil de 1854, onde nada havia de bom, literariamente falando, e que foi escrito por um rapaz de vinte anos.

Manuel Antônio de Almeida criou escola, fez uma tradição no romance brasileiro: dos escritores cariocas, que tratam especificamen-

te dos problemas e dos temas ligados à capital. A linha que vem dêle vai ter em Lima Barreto, talvez a maior constituição de romancista... irrealizado, já surgida no Brasil, com a sua série de livros onde se destacam "Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá", "Recordações do escrívão Isaías Caminha" e "Triste fim de Policarpo Quaresma" e mais modernamente em Marques Rebelo, que com "Marafa" e mui especialmente "A Estrêla sobe" renovou o tema, dando-lhe outróssim nova vitalidade.

Manuel Antônio de Almeida fez um romance do povo, com tipos apanhados na rua, no contacto diário com os mesmos, estudando-lhes as características psicológicas, os modismos, a maneira de falar e reagir diante dos acontecimentos. Manuel Antônio de Almeida fez uma das primeiras tentativas, bem sucedidas, de romance brasileiro, apoiando-se para tanto, exclusivamente, nos usos e costumes do país, tentando criar uma nova maneira de narrar, num ritmo todo próprio, numa linguagem precisa, simples, direta.

É esta, talvez, uma lição que não foi aproveitada por muitos dos escritores brasileiros, especialmente das gerações atuais, que vão buscar em escritores estrangeiros não uma lição de coerência artística, de dedicação ao metier, de aproveitamento do que de bom possa neles existir, mas pura e simplesmente a moda, a novidade, esquecendo-se dos problemas aí amontoados à espera de aproveitamento. Esquecendo-se de que, a arte, antes de ser universal, deve, precisa, necessita ser nacional. A nosso ver uma verdadeira obra de arte só o será, só terá seu valor aumentado dum ponto de vista universal, na medida em que ela o fôr mais e mais nacional.

Não importa que as comemorações do primeiro centenário de "Memórias de um Sargento de Milícias" não tenham alcançado uma importância que se deveria desejar. Não importa! O livro não perde com isto, não perde por esperar a sua vez, o seu dia. Perdem, sim, com êste esquecimento, quem sabe voluntário, perdem e muito, os homens do dia, os donos dos jornais e revistas, que deviam ter a obrigação de velar e divulgar o patrimônio cultural do país, tão ameaçado por influências estranhas e por falsas culturas.

S. M.

OS FILMES CARNAVALESÇOS

Anualmente, quando se aproximam os festejos carnavalescos, o público brasileiro assiste a uma série de filmes que versam sobre os mais descontraídos temas, mas que coincidem sempre num ponto, ou seja, o desfile das músicas compostas especialmente para aquele período do ano. Esses temas aproveitados pelos cineastas patricios não chegam a constituir algo de concreto, e quando o são não atingem um nível satisfatório devido ao mau tratamento dado aos mesmos, parecendo que a única preocupação dos realizadores é difundir os sambas e marchas que o povo canta durante o Carnaval.

Em princípio não queremos eliminar, de maneira nenhuma, tais filmes, porque embora eles se apresentem numa forma que em nada é cinematográfica, na verdade não o deixam de ser, pois chegam ao que nos é dado ver unicamente pela deficiência no tratamento e pela repetição de fatos e cenas que caem sempre num lugar comum.

Os filmes carnavalescos constituem, sem dúvida alguma, uma fonte de renda apreciável para os produtores e, melhor ainda, para os exibidores, que têm um grande público assegurado, dado em parte a popularidade dos artistas do rádio que estão muito em proximidade desse público pelos programas de auditório e de estúdio. Quer nos parecer também que sendo o Carnaval brasileiro uma festa muito característica, exerça uma influência muito forte na maneira de assimilação do nosso povo, daí a fácil aceitação, por parte dele, desse gênero de filme — verdadeiro carnaval de forma. Também acreditamos que a música popular brasileira — que achamos tão rica e contagiante — sempre seja motivo de deleite por parte do grande público, portador nato das características fundamentais dessa música. Alguém já disse que a música popular é o reflexo de um povo, e o nosso em especial, não foge a essa regra.

O Carnaval já se tornou parte ativa da vida brasileira, e embora os produtores nacionais insistam no gênero por uma questão puramente comercial, nós acreditamos que chegaremos um dia a possuir um filme brasileiro característico, dentro mesmo desse gênero, porém com uma forma definida e um conteúdo humano, que só serão encontrados através de um estudo e experiências mais sérias por parte dos realizadores.

Se tentássemos buscar as raízes do musi-carnavalesco e se procurássemos reproduzir a espontaneidade popular do tema, por meio de uma forma, artisticamente, mais adequada e aprimorada, talvez achássemos o caminho das características de um cinema brasileiro que Cavalcanti cita em seu "Filme e Realidade" como inexistentes no nosso cinema por falta de uma expressão própria. Devemos lembrar também que os filmes carnavalescos não se limitam a serem exclusivamente musicais, enveredando sempre pelo terreno da comédia, mas nunca da comédia cinematográfica, quando muito da comédia de revista teatral ou radiofônica. Seria essa uma das partes de estudo mais cuidadoso dos nossos realizadores que tentariam então — usando a expressão de Carlos Ortiz — fazer rir o Brasil, mas faz-lo de uma maneira natural e própria, nunca imitando o riso alheio. Julgamos bem difícil um trabalho dessa natureza, pois acima de tudo, necessário seria uma honestidade artística e uma intenção verdadeira de dotar o cinema indígena de bases sólidas de realização, qualidades essas que não predominam no nosso meio cinematográfico, com exceção de um pequeno grupo que a par das vantagens pecuniárias visa também o aprimoramento da arte em si.

Data de 1935 o início da nossa comédia carnavalesca. O primeiro lançamento do gênero foi "Alô, Alô Carnaval", produção de Ademar Gonzaga. Desde então vimos até as produções tão conhecidas de Watson Macedo na Atlântida, companhia que parece ter se especializado no gênero, culminando agora com "Carnaval em Caxias" de Jorge Ileri e Paulo Wanderley que também aderiam a especialidade da casa. Sobre este último, antes de seu lançamento, parecia que seus realizadores tentariam aquilo a que nos referimos, pois quando da difusão da equipe de cenaristas, que contava além dos já citados mais Alex Viany e o humorista Leon Eliachar, esta inspirava confiança dadas as realizações anteriores dos três primeiros, realizações essas bem promissoras, analisadas como estréia — "Amei um Bicheiro" e "Agulha no Palheiro". Mas, infelizmente o filme não apresentou nada de novo, limitando-se a repetir velhas chapas e passando por uma suposta sátira, conforme propaganda pré-exibição.

Quando em 1934 o nosso cinema, após debater-se cerca de quatro anos em busca do som, dele se acercou definitivamente, era lógico que falasse de qualquer maneira, porque a nova forma de expressão precisava de expandir-se e de encontrar-se. A criança quando se sente firme em suas pernas, após o ensaio dos primeiros passos, desanda em correrias sem destino, sendo necessário que a ela se dê a mão para orienta-la e mesmo, as vezes é preciso prende-la num gradeado para que ela observe mais atentamente em volta de si e saiba distinguir os obstáculos que a cercam. O cinema nacional estava nessa situação quando correu em busca de meios fáceis de expressão para a nova forma, achando esses meios nos intérpretes do rádio.

A mão que foi estendida ao cinema nacional não era suficientemente experiente, e ele falou, cantou e fez ruído mas de uma maneira desordenada que perdurou até nossos dias. "Alô, Alô Carnaval" abriu um caminho que deveria ter sido palmilhado com vagar, vencendo-se cada obstáculo com uma maneira adequada e retirando-os do caminho, para que os próximos andantes o trilhassem com mais firmeza. Deveríamos ter, decorridos esses vinte anos, aprimorado aquela técnica primitiva e própria da época, e mais ainda, deveríamos ter entrado mais fundo no assunto, sempre tentando o melhor, sempre em busca de uma forma e um conteúdo coesos. Entretanto parece que permanecemos no mesmo, pois a sucessão de piadas e situações cômicas entremeadas das músicas carnavalescas se repetem em cada película, como se essa fosse a única forma possível existente.

Senão vejamos o que diz Carlos Ortiz em "O Romance do Gato Preto"... "ALÔ, ALÔ CARNAVAL" já revela, mesmo assim, uma grande verve brasileira e sobretudo carioca, grande espontaneidade e desembaraço que muitos atores e técnicos de hoje poderiam reaprender".

É claro que este reaprender não significa repetir. Com bases em realizações bem feitas, realiza-se outras melhores, sem copiar as precedentes, apenas tirando delas os ensinamentos preciosos.

Um filme que tentou fugir a modalidade predominante foi "Dupla do Barulho" em que Oscarito e Grande Otelo viviam um par de artistas de "vaudeville", porém num cenário nada nacional, muito longe mesmo do ambiente artístico de nossa terra, o que veio tornar a fita, juntamente com as costumeiras falhas técnicas, mais um insucesso cinematográfico, embora talvez mais um sucesso de bilheteria, dada a popularidade dos dois atores.

Quando se realizou no Rio de Janeiro o 1º Congresso Nacional

do Cinema Brasileiro, originaram-se debates em torno da nossa comédia ou revista carnavalesca, onde um grupo teceu calorosos ataques ao gênero que, por sua vez, foi defendido pela maior parte dos nossos homens de cinema. Com severas restrições damos nosso apoio aos ataques, quando bem fundamentados e feitos com fito construtivo, e por outro lado juntamo-nos aos defensores do gênero porque somos de opinião de que êle deve sobreviver.

É patente que, só em pensarmos numa melhoria, estamos atacando a situação atual, pelo simples fato de não concordarmos com ela. Mas nunca, em hipótese alguma, nosso ataque seria destrutivo, de caráter eliminatório. Desejamos ardentemente uma renovação e nunca um desaparecimento total. Deve desaparecer, isso sim, o que estiver de errado, de supérfluo ou de exagerado. Os filmes carnavalescos, em sua concepção, não estão errados. Estão, sim, cheios de erros.

Deixando de lado a forma atual do nosso gênero musical, olhemos tão somente para sua essência básica e veremos possibilidades de expansão, pela simples razão de que ali se encerra algo de caráter genuinamente nacional que pode e deve ser expressado pelo cinema, como já o foi pela literatura e pela pintura. Talvez leve ainda algum tempo até que cheguemos ao ponto desejado, porque a par do problema que particularizamos existem muitos outros que afligem o cinema brasileiro, e a luta pelas suas soluções, a sabemos grande e lenta.

O cinema é a arte que maior campo de ação oferece ao artista, pois vive mais em contato direto com a vida real, devido aos seus múltiplos meios de expressão. A imagem, que a princípio só teve da vida o movimento, foi acrescida do som, mais tarde da cor e agora por último do relêvo, estando num plano quase paralelo a realidade.

O artista que se expressar pelo cinema deve sentir realmente a vida em todas suas manifestações e retratá-la sem pieguice, sem fugas e sem concessões, para que o povo que vai receber a sua arte não a despreze jogando-a num pináculo inasecível, para simples e muda contemplação como um símbolo de uma coisa apontada para deleite de uma minoria que quer parecer mais elevada. Deve também não fazer de sua arte um veículo de difusão contrária ao real, ou um veículo portador de fórmulas deturpadas que vão exercer uma influência prejudicial no seio do povo que a aprecia e vai ter então uma concepção errada das coisas que lhe são aderentes e que êle, povo, precisa compreender e sentir de uma maneira que lhe estimule o trabalho, a luta, as realizações individuais e coletivas e a vida em toda sua plenitude.

Se o povo brasileiro possui essa verve acentuada e essa espontaneidade musical revelada com mais vigor pelo Carnaval, é merecedor de um estudo consciencioso por parte dos nossos homens de cinema, para que êle não se sinta além do que é na realidade nem se acredite uma coisa que está longe de ser, crença essa que pode gerar os maiores erros de ação. Os nossos homens de cinema devem ter em mente que o seu trabalho tem uma penetração muito aguda no grande público e devem considerá-lo, ao ponto de dar-lhe obras, senão grandiosas, pelo menos dignas.

Glauco Rodrigues Corrêa

AINDA "LUZES DA RIBALTA"

Como em toda arte, o cineasta de talento limitado tem altos e baixos em suas obras, de acôrdo com as circunstancias. Robert Wise fez "Punhos de Campeão" e só. Seus demais trabalhos jamais atingiram o nível artístico dêste filme. Também Claude Autant-Lara, em realizações posteriores, não conseguiu superar "Adultera" (Le diable au corps). São diretores que, com esforço, realizam ótimos filmes sob uma inspiração momentânea. Entretanto, talvez diante de fatores economicos, deficiência pessoal ou outra coisa qualquer, inesperadamente, caem no fracasso. Cavalcanti, por exemplo, é um realizador que anda a rolar pela ladeira da decadência. Já em seu último trabalho produzido na Inglaterra, "O Transgressor", notavam-se debilidades. Veio para o Brasil e, na Vera Cruz, andou dando os principais retoques em "Caiçara", segundo dizem, e os efeitos não foram lisongeiros. Realizou "Simão, o Caolho" e bumba! Fracassou. Do filme só se aproveitou a sequencia do sonho e a interpretação dos atores. Agora, eis que é lançado "O Canto do Mar". Nova decepção! Desta feita, nem os interpretes se salvam e o filme anda por aí despercebido pelo público e vaiado por muito critico. O atual Cavalcanti parece ser um cineasta calouro, preocupado em mostrar coisas exóticas de nosso ambiente, dentro de um realismo desconjuntado que compromete a obra de arte. Coisas captadas indistintamente no meio nordestino, usos e costumes estranhos postos na película parece que com o fim de impressionar platéias e juris de Festivais de Cinema. Onde está o criador de "En rade", "Na solidão da noite" e outras obras de valor?

Ocorrem-me tais considerações à respeito da variação da capacidade de tais cineastas, ao ler certas críticas feitas contra o último filme de Chaplin, afirmando haver o homem feito um legítimo "abacaxi". A verdade é que o genial cineasta está muito acima de um Cavalcanti, de um Wise ou de um Autant-Lara. É figura impar no cinema, não sugere comparações. Mas terá havido uma queda tão grande em sua última realização, como muitos querem dar a entender, a ponto de se juntar a cineastas de menor capacidade?... Para dar a resposta, primeiro não se deve olhar para certas críticas suspeitas. Se a dona Lowela Parsons disse que êle fez uma porcaria, é opinião que ninguém poderá levar em consideração, pois ela somente agiu em sentido político. Chaplin é um adversário dos que a mandam escrever os seus artigos destinados a uma geração coca-cola ler e aplaudir.

Posso estar errado, mas creio que Chaplin não fez obra mediocre. O seu filme, como os anteriores, ficará. Para comprovar meu ponto de vista, vou fazer uma comparação permitida pelo fato de muitos incluírem Chaplin entre os maiores gênios da humanidade.

Na literatura, Hamlet se tornou um símbolo. É uma personagem de pura essência. Conserva o seu valor através dos tempos, embora dentro de uma tragédia onde a ação, em muitas ocasiões, atinge o ridículo e o grotesco, pois é um tal de morrer gente que parece não acabar mais. Depois de Polonio ser trucidado e Ofelia afogar-se, duelo e veneno encarregam-se de levar para um mundo melhor Hamlet, a rainha, Laertes, Cláudio, só ficando Horácio, à pedido do agonizante Hamlet, para contar para a gente como é que sucedeu toda aquela mortandade. Essa superfície excessivamente trágica pode causar má impressão a qualquer um. Entretanto, no íntimo do entrecho de mau gosto, está a grande força poética de Shakes-

peare. Aliás, em toda a sua obra, a falta de equilíbrio ou sobriedade não têm muita importância, se o conteúdo usado não se macula. Creio mesmo que os espíritos geniais possuem determinada inconsciência anti-estética. No fundo, porém, posto de lado o veículo da idéia, encontra-se a mensagem e fácil é descobrir-se um entrelaçamento entre Hamlet, Othello, Romeu e Julieta e Shilock. São personagens que se complementam. Embora os senões, ligam-se entre si como elos de uma corrente, dando à humanidade um dos maiores monumentos literários.

Carlitos, O Ditador, Verdoux e Calvero estão para o cinema assim como os personagens do grande poeta inglês estão para a literatura. Carlitos é o artista puro. O Ditador, transigindo com o elemento sonoro por exigência da época, foi a manifestação do artista que não fica indiferente aos problemas do mundo em que vive. Verdoux é o revoltado, o quixotesco e sentimental herói que luta para sobreviver num mundo mesquinho, para não ser eliminado pela ganância e ambição. E Calvero é o último elo dessa corrente, sem trair seus companheiros. Procura ser superior aos demais, devido a madureza, mas o faz com humildade, trazendo ao público a mensagem da reflexão sensata, fiel a si mesmo. Não traiu a personalidade de Charlie Chaplin. É novo piso, não pode ser desprezado, está intimamente ligado a toda obra anterior. No conjunto, é peça de valor.

A obra de arte deve equilibrar-se entre a realidade e certa estrutura poética, o real sempre se dilatando para uma atmosfera de fantasia. Qualquer um admite que Calvero move-se dentro de uma história de perna manca, convencional, titere guiado por cordelinhos. Mas, certos poetas, embora escravizados à rima e à métrica, conseguem arrancar magníficos efeitos poéticos das estrofes. A gente vê o papelão pintado, a pieguice transparecendo, os arranjos, mas tudo são acessórios. Uma peça de teatro não perde o valor artístico só porque o ator forja o encontro dos personagens num espaço de tempo limitado à duração da representação. No teatro, é fácil ver-se a mão do criador empurrando os marionetes. Mas o que interessa é o recado que eles têm a dar à sensibilidade do expectador.

Calvero não representa uma figura exgotada. É um prolongamento e resta-lhe muita vitalidade para expandir. É parte integrante de uma grande obra cinematográfica, não se afastou do caminho. Sob a máscara do convencionalismo, vemos o comediante representando seu próprio papel, dono de um senso artístico amadurecido. A figura real não matou o Carlitos, o vagabundo. Certo crítico afirmou que os "sketchs" de "clownismo" de "Luzes da Ribalta" são pobres. Francamente, tal crítico deveria andar sofrendo do fígado para assim catalogar inclusive aquele "concerto" com Buster Keaton, no final da película, onde ele representa com uma mimica notável, fazendo rir como nos velhos tempos do cinema mudo, sendo novamente, em toda plenitude, o ingênuo e puro Charlot. Depois, entre os senões técnicos e alguns diálogos alongados, ainda que anti-cinematográficos, surgiu uma obra fiel à Charlie Chaplin.

Isto é, algo que nos traz otimismo e esperança. E basta!

Antônio da Silva Filho



SOLIDÃO — linoleogravura de Augusto dos Santos Abranches

S O N E T O

Walmor Cardoso da Silva

Por que mar e céu nesta bruma distante
sob os companários brancos das nuvens ?
São largos sonhos, memória esquecida,
são meus encantos de viver ao mar ?

Por que resultam vozes ao luar
(Devendo o amor permanecer intacto) ?
Estas canções de entre sabor marinho,
sons de conchas e sal, amarugem e vento ?

Minhas coleções de mar são lentos olhos,
salas cheias de todos os meus naufrágios.
São meus passos ao nunca mais voltar.

Voltar à praia de um antigo mar
a percorrer os gritos infantís.
Por que ondas são versos incompletos ?

CHOVE TANTO...

D. A. Mayr

Chove.

Nem mesmo as névoas passaram
depois das noites negativas e longas
tão sobrecarregadas de não
de insípidos nadas, de solidude vã,
e águas tristes vieram muitas
molhando o esqueleto de minhas saudades...

Chove

e as vidraças orquestram um jazeado apático
enquanto fóra murmura uma ausência fria...

Se talvez um passado gôzo rebrotasse
e antigas presenças aquecessem a noite,
mas chove tanto...

e a tarde é tão longa e tão negativa,
tão sobrecarregada de não,
de velhas promessas molhadas não mantidas,
de saudades despercebidas,
silenciosas,
porque chove tanto.

Florianópolis, 29-3-1954.

HUMANITATIS

Antônio Paladino

E um dia o poeta cantou:

“Sinto a morte em tôdas as coisas vivas

E, também, sinto a vida em tôdas as coisas mortas.

E em certas horas de felicidade eu creio imensamente na dor

E, também, creio imensamente na felicidade em certas horas
[de dor.

Algumas vêzes enxergo a verdadeira imagem das coisas,

Outras vêzes, não.

E tôdas as coisas morrem e vivem

E tôdas as coisas vivem e morrem

E eu sou a negação e a afirmação de tôdas elas .

Me abraço a tôdas as coisas que vivem e que morrem

Desapareço dentro de tôdas as coisas, as coisas que vivem

[e que morrem

Me aniquilam e me destroem.

E quando compreendo então que já não sou mais nada

E transcendendo perdido além do Bem e do Mal,

Eu sinto a estranha sensação de que em mim existe tudo:

A alegria e a tristeza; a virtude e a torpeza; o feio e o belo

E a genialidade e a mediocridade de todos os homens.”

... E um outro dia, o homem descrente das afirmações do

[poeta

E o que o ouviu pregando os postulados de tão extraordiná-

[ria filosofia,

Galgou o cume incolor de sua morada de afirmativas e ne-

[gativas

Sedento e faminto de verdades.

E transparecendo entre lágrimas abundantes e risos

Lá no portal humano da matéria humana

Êle viu a subjetividade de tôdas as coisas relativas e racionais

Que é o verdadeiro elan vital da humanidade.

(do volume “A Ponte” (prosa e verso) — Edições “SUL” — II)

DEFUNTO NO VALADO

J. M. Fontes

Braço imóvel unido ao peito magro,
O queixo retorcido, o olhar de vidro.
Estranho encontro. E o dia amanhecido
Criando o enigma: o morto do valado.

Sem caixão e sem cova, em campo aberto,
Um corpo nem parece que tem alma . . .
E assim é puro, é natural, direto
Descendente do Pai. Vida que passa.

E um poeta oficia junto ao morto
Com três estrofes e um soluço prêso,
Certo de que êle, ao regressar ao Todo,
Livre da Religião e do Direito,
Será (o grande anônimo do povo)
Conhecido de Deus para o Seu Reino.

BAIRRO MISERAVEL

Luiz Eugênio Ferreira

...é necessário libertarmos a cidade daquele cancro, daquelas casas onde a promiscuidade não conhece limites, pelo perigo que corre o pudor das nossas próprias filhas, pela má reputação que o bairro miserável faz recair sobre nós...

O orador pigarreou, prescrutando o efeito das suas palavras na fisionomia da assistência — a mui digna vereação da cidade... e o efeito pareceu-lhe admirável. Continuou — só quem atravessa aquelas ruas sombrias, aquelas ruas de que o próprio sol tem medo, avalia bem a urgência que há em estripar aquele podre. Deu mais inflexão à voz e rematou — isto, para bem da nossa cidade.

A vereação sublinhou com palavras efusivas o admirável discurso do Sr. Gaudêncio, benemérito, ilustre cavaleiro de uma ordem nobre e sobretudo, abastado proprietário.

— De resto a vereação de há muito que se vinha ocupando do caso quanto a problemas de ordem técnica. Grandes passos tinham sido dados inclusivamente a elaboração de um projeto à altura, que incluía a construção de um cinema, de um café e reservava o talhão da ala direita para construções residenciais...

A sessão terminou entre vivas e clamores de apoteose...

O público que se comprimia no vasto salão, começou saindo em pequenos grupos e animados ainda pelo ardor das palavras do Sr. Gaudêncio, todos iam esboçando este ou aquele comentário, emitindo esta ou aquela opinião...

Só o velho Canecas não dizia palavra, por não ter quem o escutasse.

Lá ia solitário, entregue às suas conjecturas íntimas e à sua imundície. Os outros evitavam acintosamente tocar-lhe — não se fosessem conspirar — mas o velho Canecas ignorava-os tanto, como eles se perturbavam pela sua presença... É que o velho Canecas era dos de lá do bairro...

Fôra à sessão da Câmara porque adorava dissecar as coisas nos seus íntimos pormenores — porque amava o prazer raro de saber...

Ele, o velho Canecas que correrá mundo e sabia da vida e dos homens.

Ele, que apesar de ser sombra do que fôra, uma coisa ainda tinha — Cabeça! — tal e qual como êle dizia...

À luz bruxeleante da tasca do Pintinhas, centro social dos do bairro, todos o escutavam como se escutam as notícias da guerra e da Paz, os écos do mundo ou os destinos dos povos.

— Cabeça, pois então — gritava êle dando palmadas na testa, como se com isso desfizesse a possível dúvida de a não ter...

— O ilustre Gaudêncio vai correr com a gente que é um ar que lhe dá... Então vocês, seus vermes queriam viver aqui no meio da cidade como os magnatas? — Nunca deram por o vosso cheiro ser diferente dos do resto do mundo?

— Bah — grunhiu o Melenas que vende periódicos. — Eu só lido com gente que sabe ler, só êsses comprem jornais e nunca nenhum me falou disso do cheiro...

O velho Canecas impacientava-se quando o contrariavam. A voz adelgaçava-se-lhe e batia os pés nervosamente a vincar as silabas — porque o teu cheiro é próprio dos que vendem jornais, mas vai tu a uma sessão da Câmara, por exemplo, a ver se te não notam logo. É o que te digo, Melenas, não tens cheiro para cidade... Tu desconheces o que é o progresso.

Vais sabê-lo quando puzerem teus tarecos na rua...

— Eh velhadas de um raio! explodiu o Pintinhas por detrás do balcão. Bebe mais um copo para te calares, mas cala-te.

O Pintinhas fazia chantage com o fraco do Canecas, dando-lhe copos de vinho por silêncio.

— Ah Pintinhas — é aqui mesmo que vai ficar o tal cinema... deitam-te a espelunca a baixo, correm contigo e pronto, nunca mais temes o arazoado do velho Canecas... E eu, só ao geito, tenho de entrar aqui, sou muito bem capaz de entrar no tal animatógrafo, quando uma for uma fita cá ao meu geito.

O Pintinhas não pronunciou palavra, mas a história do cinema ali mesmo naquele sítio e aquela coisa do cheiro das pessoas...

— meneou a cabeça lentamente.

Ao fundo o Melenas farejava a própria roupa como um cão.

O velho Canecas riu à sucapa — é isso mesmo Melenas, cheiras a m...

Os outros riram em unisono enquanto Melenas saía furiosamente pela porta fora.

Era tarde. O Bairro miserável adormecia na penumbra desconfortável que o envolvia sempre... e lá do outro lado, a cidade das luzes despertava em ondas. Os reclamos luminosos espalhavam reflexos arroxeados por sobre os telhados e no ar, misturava-se o buzinar dos carros, mil sinfonias de rádios, a vozeada dos que buscam prazeres e o grito do Melenas que vende periódicos.

Do lado de cá — Sombra... noite... apenas noite.

A tasca do Pintinhas, taipais corridos como coisa morta, ali mesmo na esquina; mais adiante, Maria Pocariça, velhos amores do Canecas e por cima, na água-furtada, a Rosa doída, que viu morrer o homem caído de um andaime... Nas casas baixas, a promiscuidade sem limites que o Sr. Gaudêncio denunciou na Câmara.

Pai e mãe em atitudes íntimas na frente dos filhos, compartilhando até, nas noites frias, da mesma encherga.

Por isso que o bairro se está tornando perigoso para o pudor das meninas da cidade, que nas suas atitudes íntimas se rodeiam do maior conforto.

Mas o velho Canecas não dorme... passeia pela rua... não tem casa, nem família... tem cabeça — e bate com a mão na testa repetidas vezes como para lembrar a si próprio que a tem mesmo.

Então vê uma frouxa claridade esgueirando-se pela frincha de uma janela e aproxima-se. Não é feio ser curioso na sua idade.

— Ah, é Mariana... O Canecas adivinha, presente.

A luz apaga-se. A claridade morre na frincha. Mariana sai; pé ante pé. Ao longe, o sapateiro dá uns acordes suaves no seu velho violão.

Só, agora acabou seu trabalho...

E Canecas continua, voz sumida, como preságio:

Mariana, Mariana...

Não saias de noite à rua...

Que as estrelas nunca viram

Cara linda como a tua...

E o bairro miserável dorme no estrutor na sua agonia.

Acorda no dia seguinte, com o velho Canecas a dormitar ainda no banco do jardim. A essa hora já os garotos correm e saltam por sobre a púdice relva do Sr. Gaudêncio.

— Passa a bola... Eh, Pratinhas... tu...

E as obscenidades repetem-se nas suas bocas cândidas. O velho Canecas repreende.

O Melenas passa a correr — Eh velhadas, vem aqui, vem aqui no jornal — vão mesmo "desmolir" o bairro...

— Demolir, emendou o velho que a muito custo se levantou.

Caminha já com dificuldade. O seu destino é o de sempre...

Pintinhas. Um copo pela manhã faz despertar...

— Então sempre nos vão transferir para o morro —

— É verdade, Canecas...

— E tal como eu vos disse... tarecos na rua e pronto...

— Olha — exclamou Pintinhas sem brilho na voz — vem aqui no jornal um artigo do Sr. Gaudêncio — reclama contra o espectáculo imundo que a gente dá... fala disso do cheiro, tal e qual e aqui diz: promiscuidade, desagregação social... Não sei o que isso é, mas como vês já mandei esfregar o soalho e acho que todos deveriam fazer o mesmo.

O velho Canecas levantou-se irado. As pernas tremiam-lhe num agitar nervoso. — Não Pintinhas, isso é uma história muito mais complicada.

Promiscuidade quer dizer falta de terreno... Um cinema e uns palacetes devem dar dinheiro aqui e é tudo... A cidade precisa progredir.

Nós somos uma espécie de podre. O senhor Gaudêncio apenas pretende empurrar a miséria mais para lá... Somos lixo... lixo mal cheiroso...

Duas grossas lágrimas anunciaram um soluço gutural em sua garganta ressequida...

Nunca ninguém o vira assim. O Pintinhas, braços caídos, parecia aterrado.

— Fôra! — gritou o velho arremessando ao chão o copo esvasiado.

Saiu trémulo, arquejante.

A mulher do taberneiro veio fora ver o que se passava. Pintinhas sem proferir palavra veio apanhar os vidros.

A gatinha sôbre o balcão encrespou-se e soltou um miar terno, denunciando cio... um casal passou rindo na rua.

...E ninguém mais viu o velho em todo o dia.

Só muito à noitinha, quando o Bairro miserável dormia já, naquelas horas mortas em que o sapateiro quebrava o silêncio das ruas no seu violão, o velho Canecas, vagarosamente, passava ronda às casas, lembrando em frente a cada uma, o drama que a sua imagem lhe trazia.

E aquela luz baça espreitando por frincha de janela. E Mariana esgueirando-se sorratamente pela porta.

O velho Canecas dá uns passos na sombra e dilui-se.

Chegam até êle os acordes longínquos do violão.

E a sua voz anuncia:

Mariana... Mariana...

Não saias de noite à lua

Tens uma cara tão linda

Que é pena ficares na rua...

Mas que mundos coloridos ela não tem na sua cabecita louca...

Um carro desliza sôbre o lageado irregular...

Mariana orienta os passos apressados em sua direção.

O velho Canecas sente o motor a arfar-lhe nos ouvidos...

Mariana entra. O carro arranca velozmente e desfaz-se na bruma.

E passa para lá, para a cidade das luzes que quer progredir...

— Mãe era êle... era o carro dêle... eu vio-o — gritava agora o Canecas, gesticulando — Vê ali... Pintinhas... Vê ali o que o Gaudêncio quer de nós... lê no jornal tôdas as palavras que êle escreveu e mostra-lhas...

Mas as ruas desertas não o ouvem... a sua voz perde-se.

O velho Canecas é uma mancha rôxa, uma pequena nódoa.

Mas mesmo assim grita, grita sempre... porque o seu eco refletir-lhe-á a voz... e então talvez alguém a ouça na quebrada das esquinas do Bairro Miserável...

Santarém — Portugal — Setembro 1953.

LEI 9.670/1998 - Art. 46

CADERNO DO CONGRESSO

Salim Miguel

(da Delegação de Santa Catarina)

Fotografias de Landau

Motivos de força maior, inúmeras dificuldades, impediram que, conforme era de nosso desejo, este documentário por nós colhido a respeito do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em Goiânia, saísse na época precisa. Mas, mesmo levando-se em conta o atraso com que aparece, dada a importância do mesmo, julgamos não ter perdido a atualidade — motivo pelo qual o publicamos. Queremos aqui agradecer a todos que conosco colaboraram e em especial a "Landau", pelo material fotográfico.

SUMÁRIO

- 1 — Notícia do Congresso Salim Miguel
- 2 — Documentos do Congresso:
- I — Manifesto de convocação assinado por 1.082 intelectuais brasileiros
- II — Delegação de Santa Catarina
- III — Comissão diretora do primeiro congresso nacional de intelectuais
- IV — Convidados estrangeiros
- V — Resolução central do congresso, lida em plenário pelo padre Públio Callado, da Delegação de Pernambuco
- VI — Recomendações
- VII — Telegrama de intelectuais portugueses
- VIII — Poetas no Congresso:
EXODO — Aluizio Medeiros
AFIRMAÇÃO — Antonieta Dias de Moraes
NOS MEUS BRACOS CANTA O TEJO — Fernando Correia da Silva
LOS MINEROS DEL CARBON — Joaquim Gutierrez
- IX — Questionário da revista — respondem:
Cesar Avila, cientista, da Delegação do Rio Grande do Sul
Clovis Melo, escritor, da Delegação de Pernambuco
Clovis Moura, poeta, da Delegação do Piauí
Djanira, pintora, da Delegação do Distrito Federal
Eli Brasiliense, escritor, da Delegação de Goiás
Fernando Correia da Silva, escritor, convidado, de Portugal
Frei Nazareno Confalloni, pintor, da Delegação de Goiás
José Geraldo Vieira, escritor, da Delegação de São Paulo
Lima Barreto, cineasta, da Delegação de São Paulo
Modesto de Sousa, ator de teatro e cinema, da Delegação do Distrito Federal
Osní Duarte Pereira, jurista, da Delegação do Distrito Federal
- X — Congresso de Intelectuais Suzy Cunha e Cruz
- XI — Breve conversa com Edison Nequete .. S. M.
- XII — Apêndice: breve nota sobre a realização de um congresso luso-brasileiro de escritores; inquerito; depoimentos dos seguintes escritores portugueses: Aleixo Ribeiro, Luiz F. Rebelo, Manuel do Nascimento, Rogério de Freitas, A. Vicente Campinas, Alexandre Cabral, Alves Redol, Antônio José Saraiva, Carlos de Oliveira, Fernando Namora, José Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, Julião Quintilha, Maria Archer e Patrícia Joyce.

NOTÍCIA DO CONGRESSO

Em 14 de fevereiro próximo passado instalava-se em GOIÂNIA o PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL de INTELLECTUAIS. No Manifesto de Convocação, assinado por exatamente 1082 intelectuais (artistas plásticos, poetas, romancistas, jornalistas, cienastas, cientistas, advogados, médicos, juristas engenheiros, radialistas etc., encontravam-se pessoas das mais heterogêneas tendências filosóficas, políticas e religiosas. Também, dentre os quase 300 que compareceram à Goiânia, o mesmo fato poderia ser observado. Nada disto impediu que o Congresso tivesse sido uma vitória da cultura brasileira. Muito pelo contrário. A reunião de tantas pessoas de pensar tão diverso veio demonstrar na prática a possibilidade de esquecidos pequenos problemas secundários, ser possível, em pontos fundamentais como por exemplo a defesa da cultura brasileira e de suas tradições, a reunião de todos os homens de boa vontade.

Durante uma semana Goiânia congregou o que de mais representativo no terreno da cultura possui o país. Ao lado de nomes como um Jorge Amado, um José Geraldo Vieira, nas letras, um Mário Schemberg e Cesar Ávila na ciência, um A. Cavalcanti e Lima Barreto no cinema, uma Stelinha Egg no Folclore, uma Eunice Catunda, Ana Stela Schic na música, entre muitos outros, poder-se-iam notar pessoas vindas da província, anônimas, todos irmanados num único desejo: encontrar solução para os problemas, tão graves e prementes, que assoberbam a cultura do país.

Tanto as intervenções como as resoluções finais demonstram claramente o que foi o Congresso. Na tribuna, falando com inteira liberdade e independência se sucediam os oradores. E de quase todos alguma coisa de útil e objetivo vinha para o plenário. Problemas de teatro, de cinema, de medicina, de rádio, de literatura e arte, de ciência e folclore, foram apresentados e analisados. Cada qual tinha uma queixa a fazer, tinha uma contribuição a dar. Pelos corredores, no fim das sessões ou nos intervalos, poder-se-ia observar, em animados debates, personalidades com Jorge Amado trocando idéias com Frei Nazareno Confaloní ou Padre Público Callado.

Paralelamente ao Congresso se realizaram diversas manifestações de arte. Cumpre aqui destacar a Exposição de Artes Plásticas organizada principalmente por Frei Nazareno Confaloní e que contou com trabalhos de artistas plásticos do Rio Grande do Norte, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Goiás, além de obras de arte populares, de artistas anônimos, mas que nada perdiam diante dos outros.

Um dos pontos altos do Congresso foi inegavelmente a Conferência de Pablo Neruda. Alto, gordo, rosto imóvel de Buda, sem movimentar praticamente um músculo, com voz compassada e quase

igual, de leves nuances, começou a falar. Em poucos todos pendiam de sua palavra. Aquilo atingia a todos, vinha direito, num impacto. E ainda os mais céticos e menos emocionáveis, bem logo se tinham deixado levar. Que poder possui este homem, verdadeira constituição de poeta? Todo ele parece respirar, transmitir poesia. Vai dizendo as coisas mais simples, o que o emocionou; vai contando as dores e sofrimento do homem, suas lutas e esperanças; vai mostrando que, em qualquer parte do mundo, o desejo de todos é um só e se resume numa tão pequenina palavra...

Debate sobre problemas de cinema brasileiro, conferência sobre artes plásticas recital de poesia, festas e homenagens, churrascada, festival dos artistas presentes, vieram completar o Congresso.

No sessão inaugural falou, entre outros, o romancista Baltazar Castro, presidente da Câmara de Deputados do Chile. Na de encerramento, o jurista africano Gabriel d'Arbousier, da Assembléia da União Francesa.

Inegavelmente o Congresso foi uma grande vitória dos intelectuais e uma festa da cultura. Durante uma semana a cidade de Goiânia viveu o Congresso, participou dos trabalhos, interessou-se. Um fato que nos parece de grande importância foi o interesse da população pelo Congresso, quer dizer, o Congresso ultrapassou as simples reuniões e debates de salão, interessou a população que seguia com viva curiosidade o desenrolar dos trabalhos. O salão sempre cheio de pessoas que acompanhavam religiosamente as intervenções, mesmo nos dias de chuva, mesmo à noite, quando os trabalhos, às vezes, se prolongavam até tarde, mesmo quando dos debates sobre problemas de cinema, que foram até mais de duas horas da madrugada. Esse incentivo, esse interesse demonstrado prova claramente que o povo não está alheio aos problemas de cultura, mas que apenas não lhe é possível vivê-los e deles participar como desejaria.

De Goiânia, do Congresso, para todos que dele participaram, estamos certos, ficou a melhor das impressões. Do povo goiânico — que é o mesmo povo bom e acolhedor de qualquer outra parte do Brasil — dos participantes do Congresso — quer seja o mais importante nome ali presente, quer seja um provinciano anônimo — cada qual leva a impressão de ter feito mais um amigo, mais um companheiro na luta para preservação das características da cultura brasileira e do intercâmbio e amizade com todos os povos.

E a lição de Goiânia — a nosso ver a maior lição de Goiânia — é que, independentemente de opiniões divergentes a respeito deste ou daquele ponto controverso, no fundamental, no mais importante, no decisivo, que é a defesa da cultura brasileira e de suas características todas estão de acordo, todos aceitam em que é imprescindível defendê-la, protegê-la. E o mais imediatamente possível, antes que o desvirtuamento, que a penetração insidiosa de cosmopolitismo que já se faz sentir, se torna maior e mais forte.



O cineasta Alberto Cavalcanti, ladeado por Anibal Nunes Pires e Salim Miguel, ambos da Delegação de Santa Catarina e Diretores da revista "SUL"

Terminado o Congresso, cada qual em sua terra, cada qual com a lição daquela semana, os que foram a Goiânia tem mais do que os outros a obrigação de trabalhar pela preservação da cultura e pela defesa das tradições do povo brasileiro. Pois Goiânia foi um marco — e sua resolução cent'al um guia.

DOCUMENTOS DO CONGRESSO

I

Manifesto de Convocação assinado por 1.082 intelectuais brasileiros

O Brasil possui um patrimônio cultural, que se criou e vem se enriquecendo no decurso de toda a sua história, e que representa valiosa contribuição ao tesouro comum da cultura universal.

Nos diversos ramos de nossa cultura, verificam-se peculiaridades nacionais que bem revelam as virtudes criadoras do povo brasileiro. No entanto, os intelectuais brasileiros estão convencidos de que é necessário e urgente um esforço conjunto a fim de preservar o caráter nacional de nossa cultura, vencer as barreiras que hoje mais do que nunca se opõem ao seu livre desenvolvimento e permitir que se estabeleça o mais amplo intercâmbio cultural com todos os países, em benefício da cultura de toda a humanidade.

É certo também que os intelectuais brasileiros não tiveram, até aqui, oportunidade de promover e manter contactos permanentes entre as suas diversas categorias profissionais, e compreendem que daí decorrem a maior parte dos obstáculos à execução de medidas comuns em defesa de seus interesses éticos e profissionais.

Estas considerações nos levam a propor a realização de um **Congresso Nacional de Intelectuais**, em que se reunam poetas, escritores, artistas, cientistas, educadores, cineastas, jornalistas, juristas, pesquisadores, editores, profissionais liberais, técnicos, universitários, musicistas, radialistas, etc., com o propósito de examinar tais problemas, e encontrar medidas capazes de solucioná-los, num ambiente de paz e entendimento entre os povos.

Assumimos pois o honroso encargo de convocar o **PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE INTELECTUAIS**, a reunir-se entre 14-21 de fevereiro de 1954, na cidade de **GOIÂNIA**, a jovem e acolhedora capital do Estado de Goiás.

Convidamos todos os intelectuais brasileiros a darem o seu apôio e participarem dêsse importante certame cultural.

A Comissão Organizadora

II

Delegação de Santa Catarina

Entre os inúmeros intelectuais de Santa Catarina que assinaram o manifesto de convocação, foram os seguintes os Delegados que representaram Santa Catarina no Congresso:

Dr. José do Patrocínio Gallotti — Presidente da delegação. Jurista, Juiz de Direito em Florianópolis.

Dr. Anibal Nunes Pires — Professor, advogado, poeta.

Salim Miguel — Jornalista.

III

Comissão Diretora do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais

Presidência

- Professor A. Nobre de Melo — Médico. Presidente da Sociedade Brasileira de Neurologia.
- Alberto Cavalcanti — Cineasta.
- Antônio Rangel Bandeira — Poeta.
- Ascenço Ferreira — Poeta.
- Bernardo Elis — Escritor.
- Brasil Bandechi — Escritor.
- Bruno de Menezes — Escritor.
- Cícero Dumont — Poeta.
- Custódio Tristão — Deputados de Minas Gerais.
- Dalcídio Jurandir — Professor. Deputado Estadual do Espírito Santo.
- Demétrio Ribeiro — Escritor.
- Eduardo Alvim Corrêa — Arquiteto. Professor da Universidade do Rio Grande do Sul.
- Euzébio Rocha — Pintor.
- Geraldo Rodrigues Santos — Jurista. Deputado Federal.
- Desemb. Henrique Fialho — Engenheiro. Presidente do Clube de Engenharia de Goiás.
- João Acioli — Jurista.
- João Clímaco Bezerra — Poeta. Escritor. Presidente da Secção Paulista da A. B. D. E.
- Jorge Amado — Escritor.
- José Brigagão Ferreira — Escritor. Presidente da Associação Brasileira de Escritores.
- José Geraldo Vieira — Médico. Professor da Universidade do Brasil.
- José do Patrocínio Gallotti — Escritor.
- Lima Barreto — Jurista. Magistrado.
- Luís Rassi — Cineasta.
- Maria Della Costa — Médico. Presidente da Sociedade Médica de Goiás.
- Mário Melo — Atriz de teatro e cinema.
- Historiador. Presidente do Instituto Arqueológico de Recife.

Mário Schemberg	— Cientista. Professor da Universidade de São Paulo.
Orígenes Lessa	— Escritor.
Padre Públio Callado	— Historiador. Sacerdote Católico.
Stelinha Egg	— Cantora. Radialista.
Sosígenes Costa	— Poeta.
Vanja Orico	— Cantora. Artista de cinema.
Xavier Junior	— Poeta. Médico. Presidente da Academia Goiana de Letras.

Secretaria

Secretário-geral: Miécio Tati	— Escritor
Secretários: Antônio Bulhões	— Crítico de teatro
Artur Neves	— Editor
Eli Brasiliense	— Escritor
Jackson de Souza	— Ator de cinema e teatro
James Amado	— Escritor
Oscar Sabino Junior	— Jornalista
Rivadavia Mendonça	— Jurista

IV

Convidados Estrangeiros

Africa: Gabriel d'Arbousier	— Jurista
Argentina: Alfredo Varela	— Escritor
Bernardo Kordon	— Escritor
Júlio Peluffo	— Psiquiatra
Chile: Baltazar Castro	— Escritor. Presidente da Câmara dos Deputados do Chile.
Margot Loyola	— Cantora. Folclorista. Professora da Universidade do Chile.
Pablo Neruda	— Poeta.
Volodia Teitelboim	— Escritor.
Costa Rica: Joaquim Gutierrez	— Escritor.
Haiti: René Depestre	— Poeta.
Itália: Sergio Amidei	— Cineasta.
Vitório Sala	— Cineasta.
Paraguay: Carlos Garcette	— Pintor.
Elvio Romero	— Poeta.
Hermínio Gimenes	— Compositor.
José Assunción Flores	— Compositor.
Portugal: Fernando Correia da Silva	— Escritor.
Uruguay: Jesualdo Sosa	— Educador. Escritor.
Maria Carmen Portela	— Escultora.
Nelson Arzadun	— Teatrólogo.

Resolução Central do Congresso

(Lida em plenário pelo Padre Publlo Callado, da Delegação de Pernambuco).

— PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS —

"MENSAGEM AOS INTELLECTUAIS E AO POVO BRASILEIRO"

Nós, intellectuais brasileiros, participantes do Primeiro Congresso Nacional de Intellectuais, realizado num ambiente de mútua compreensão, de irrestrita liberdade de opinião e palavra, dirigimo-nos a todos os homens de cultura e a todo povo do Brasil.

Ao enviar-lhes, de Goiânia, nossa calorosa saudação, ao transmitir-lhes comovidamente, cheios de alegria pelo feliz resultado de nosso trabalho, as conclusões de nossos debates, solicitamos seu apóio para que os esforços comuns aqui iniciados possam enriquecer, ainda mais, o patrimônio cultural brasileiro.

Debatemos questões vitais de todos os campos da cultura, com a participação de cientistas, educadores, escritores, músicos, cineastas, poetas, historiadores, médicos, juristas, sacerdotes, homens de teatro, artistas plásticos, arquitetos, engenheiros, estudantes universitários, jornalistas, folcloristas, radialistas, editores.

Inspiradores tão somente na fidelidade à cultura nacional, unidos pelo mesmo sentimento de responsabilidade para com o Brasil, esforçamo-nos por ouvir todas as opiniões, recolher todos os depoimentos. Tivemos presente o exemplo dos fundadores de nossa cultura, sem nos abandonarmos todavia a uma satisfação complacente ante as realizações do passado. Não nos intimidamos com as dificuldades a vencer a fim de que nossa cultura assuma a posição que lhe cabe entre as culturas do mundo.

Procuramos, como brasileiros, apreciar o que é nosso e fazer refletir, no Congresso, a fisionomia espiritual de nosso povo.

Não nos abandonamos, porém, a uma suficiência orgulhosa e estéril e reconhecemos que, se muito já demos e poderemos dar ainda à cultura universal, muito devemos às demais culturas nacionais.

Desejamos que desapareçam todas as barreiras opostas ao contato entre os povos, e que idéias, homens e coisas possam circular livremente, de um país a outro.

Compreendemos que somente somos verdadeiramente universais mesmo e sobretudo quando somos profundamente nacionais. Conservamo-nos fiéis às características de nossa cultura, repudiando as tentativas que se fazem para destruir sua fisionomia própria.

Grandes são os obstáculos que apresenta o trabalho de preservação de nossa cultura. O povo brasileiro atravessa condições extremamente dolorosas, na sua existência física e espiritual. Restos da estrutura econômica e social do passado continuam impedindo o livre desenvolvimento das forças culturais e materiais do Brasil, debilitam a capacidade de mantermos uma posição de plena igualdade com países mais evoluídos.

Vivemos num mundo dividido por uma longa e aflitiva tensão internacional, que tantos prejuízos tem causado a todos os povos, e ao nosso povo em particular, tão necessitado com está de receber os benefícios culturais essenciais à verdadeira independência do país.

Incentivando e promovendo o intercâmbio cultural, trabalhamos para que prevaleça um clima de confiança e de amizade entre todos os povos.

Nossos debates indicaram que, se possuímos um patrimônio cultural rico e suscetível de desenvolvimento fecundo, devemos velar para preservá-lo dos sérios perigos que o ameaçam.

Debatemos os problemas éticos e profissionais que afligem a intelectualidade brasileira. Verificamos a existência de várias leis de coerção impedindo a livre manifestação do pensamento. Outras mais nocivas vêm sendo preparadas em silêncio. Compreendemos que a defesa das liberdades democráticas e das garantias constitucionais é uma obrigação de todos os intelectuais brasileiros e estamos decididos a defender o nosso direito de pensar e de exprimir livremente o nosso pensamento com o mesmo ardor, a mesma coragem e o mesmo patriotismo de nossos antepassados.

Grandes são os obstáculos econômicos com que se defrontam os intelectuais brasileiros. A retribuição de nosso trabalho é quase sempre inadequada e duras condições de vida não nos permitem dedicar às atividades culturais o melhor de nossas forças.

Meios de difusão tão necessários à cultura, como a imprensa e o rádio, são dominados quase inteiramente por interesses sensacionais e extra-culturais.

A maioria dos autores no Brasil não consegue editar suas obras literárias, científicas, musicais ou artísticas. Escultores, pintores e arquitetos não têm oportunidade de realizar obras de grande vulto que expressem toda a força de seu talento e os anseios da coletividade brasileira. Os atores não dispõem de teatros e de escolas dramáticas. A pesquisa científica, folclórica e dos demais elementos necessários à formação e ao estudo de nossa cultura é insuficiente, quase sempre desvirtuada. O cinema, depois de êxitos magníficos, acha-se ameaçado de paralização por falta de amparo e pela pressão de interesses contrários ao Brasil. Os educadores e médicos lutam com falta de meios materiais indispensáveis à realização de seus trabalhos.

A cultura brasileira necessita apoiar-se em sólidos e amplas ba-

ses de instrução pública. Devemos incorporar à nossa cultura milhões e milhões de brasileiros que não sabem ler nem escrever e tornar efetiva a adoção da escola primária e secundária gratuita como alicerce da formação cultural do povo.

Após amplos debates aprovamos as seguintes resoluções que apresentamos a todos os intelectuais brasileiros como um ponto de partida para um trabalho permanente de conagraçamento e difusão cultural:

1) afirmamos que o povo brasileiro possui uma cultura nacional característica e vigorosa, suscetível de desenvolvimento ilimitado, que deve ser preservada das influências desvirtuadoras que a ameaçam;

2) afirmamos que o intercâmbio cultural com todos os povos é um fator básico de enriquecimento da cultura brasileira, além de contribuir para criar relações amistosas entre todos os países e por isso deve ser cada vez mais intensificado, sem restrições ou discriminações;

3) afirmamos que a defesa das liberdades democráticas é condição indispensável ao desenvolvimento da cultura e repudiamos todas as leis que restringem as garantias democráticas;

4) reclamamos condições dignas de vida e meios materiais necessários à expressão e divulgação do pensamento e da cultura.

Este Congresso foi uma afirmação de nossa confiança no Brasil, das possibilidades que existem para que os intelectuais trabalhem juntos pela preservação e o crescimento da cultura nacional, — expressão do trabalho, da sensibilidade e das virtudes criadoras do nosso povo.

E deste Congresso, que foi também uma festa e um triunfo para a cultura brasileira, lançamos um apêlo a todos os intelectuais do país para que se irmanem com o mesmo espírito que inspirou o encontro de Goiânia, dando ao Brasil o que há de melhor em nosso coração e em nossa inteligência".

RESOLUÇÃO

O PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE INTELECTUAIS, resolve:

— criar a Comissão Permanente do 1º Congresso Nacional de Intelectuais, composta inicialmente pela Presidência e Secretaria do 1º Congresso e com o direito de ampliar-se;

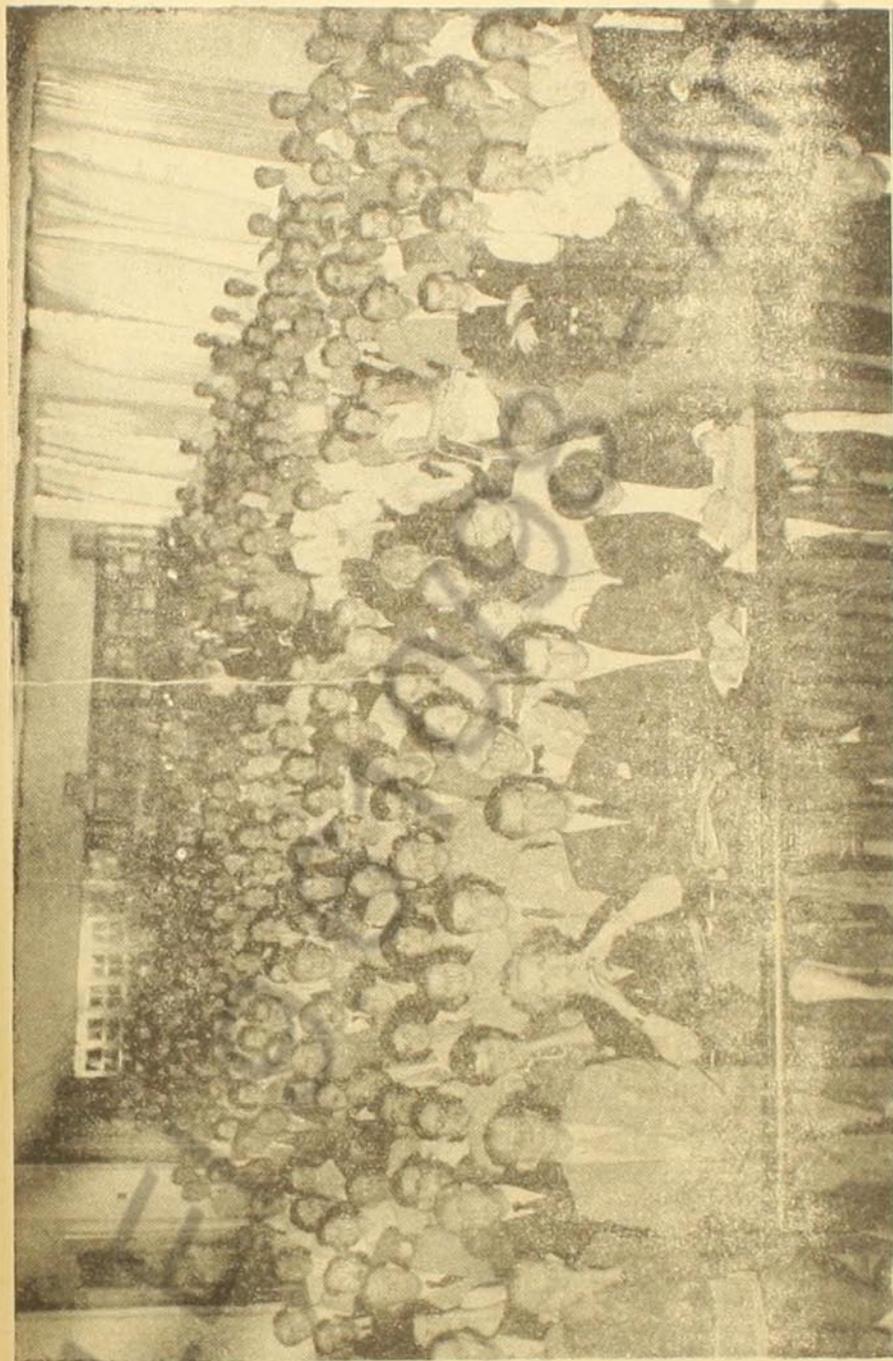
— à Comissão Permanente compete levar à prática as resoluções e recomendações do 1º Congresso e convocar um 2º Congresso Nacional de Intelectuais no prazo de um a dois anos.



Jorge Amado, no intervalo de uma das sessões plenárias, em animada palestra com diversos padres presentes ao congresso, podendo-se anotar o padre **Públio Calado**, da Delegação de Pernambuco, relator da resolução central do Congresso



Flagrante da inauguração da Exposição de Artes Plásticas



Uma das sessões plenárias, podendo-se observar na mesma a presença de grande número de intelectuais e afluência do público — que foi constante e carinhosa — lotando durante todo o período das sessões, totalmente, o salão



Durante a sessão solene de abertura, no Cine Goiânia, quando declamava seus poemas o poeta chileno Pablo Neruda

VI

RECOMENDAÇÕES

Recomendações sobre LITERATURA

1º — Oficiar ao Parlamento Nacional e ao Ministério da Educação, sugerindo a criação de uma Comissão Nacional composta de educadores, psicólogos e psiquiatras encarregada de estudar e apresentar uma solução para que se corrijam os efeitos desfavoráveis que exercem na mentalidade das crianças e dos jovens certas atuais revistas e outras publicações literárias infanto-juvenis.

2º — Encarecer perante os escritores nacionais, por tôdas as formas ao seu alcance, a necessidade do aproveitamento dos motivos culturais que nos legaram as fontes portuguesas, ameríndia e africana em temários destinados à infância e à juventude.

3º — Sugerir ao Parlamento Nacional e ao Ministério da Educação, a criação de prêmios nacionais de poesia, romance, conto e ensaio distribuídos anualmente.

4º — Sugerir a todos os governos estaduais que sejam criadas bolsas de estudos e de auxílios especiais oferecendo ensejo à publicação de trabalhos de estreates.

5º — Sugerir às autoridades federais competentes para que se adotem médidias isentando de impostos de importação o papel desti-

nado a impressão de livros de maneira a tornar o livro mais acessível ao povo.

Recomendação sobre **DISCRIMINAÇÃO RACIAL**

Considerando ser uma das características básicas — senão a fundamental — do desenvolvimento da cultura nacional brasileira a miscigenação racial em um plano igualitário;

Considerando ser a igualdade de Direitos e tratamento — em seus mais amplos sentidos — das raças e povos que compõem a nacionalidade brasileira elemento indispensável à vida da Cultura Nacional;

Considerando o caráter anti-científico, anti-humano e, no Brasil, inconstitucional, de qualquer forma ou manifestação de discriminação racial;

Considerando a existência de periódicas, embora isoladas e esporádicas, manifestações de discriminação racial no Brasil;

Os intelectuais brasileiros, reunidos no Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais tornam pública a sua mais integral repulsa a qualquer manifestação de discriminação racial no Brasil, no passado, no presente ou no futuro.

Recomendação sobre **TEATRO**

I — Ampliação da verba destinada ao Serviço Nacional de Teatro. Que seu montante seja aplicado da seguinte forma:

a) — Construção de teatros em todo o território nacional. O SNT fica na obrigação de construir teatros, bem como de incentivar e auxiliar a particulares credenciados a construção dos mesmos.

b) — Recuperação dos teatros existentes. O SNT deve chamar a si a manutenção e conservação dos teatros oficiais em todo o território nacional.

c) — Criação e manutenção de escolas de teatro, principalmente nas capitais. Como é impossível a criação repentina de escolas, em caráter de emergência o SNT deverá criar um grupo de ensaiadores ou professores subvencionados pelo mesmo, que serão enviados por determinado número de meses aos grupos do interior que solicitarem, havendo sempre, intercâmbio entre os ensaiadores ou professores.

d) — Festivais teatrais inter-estaduais e promoção de festivais inter-nacionais, principalmente com os países sul-americanos. Os festivais inter-estaduais serão realizados anualmente, numa das capitais ou cidades do território nacional pré-escolhidas. Os festivais internacionais serão realizados de dois em dois anos, numa das principais capitais do país. Fato de grande importância, não só estreita os laços de amizade como incentiva o turismo.

e) — Criação de prêmios anuais de peças exclusivamente de caráter nacional. As peças premiadas serão montadas às expensas do SNT pelas companhias profissionais existentes.

f) — Auxiliar nos fretes e transportes de material e passagem às companhias que excursionem pelo interior do país levando sempre em conta o elenco e o repertório, que deverá ser o que de mais representativo existir no cenário teatral nacional. Isto é de grande importância para a divulgação do teatro através do território nacional. Existem cidades impossíveis de serem visitadas pelas companhias, dado os preços astronômicos dos fretes e passagens.

g) — Edição e reedição de obras teatrais, tais como peças, manuais de teatro, livros referentes ao mesmo, sua construção, etc. etc. Edição de peças nacionais e estrangeiras. Reedição das peças nacionais consideradas clássicas. Edição de livros relativos a todos os setores teatrais desde a sua construção, arte de representar, etc. etc., até a educação do público. Formação de bibliotecas especializadas em todos os teatros oficiais.

h) — Prêmios em dinheiro às melhores companhias profissionais do ano. Esses prêmios serão concedidos às companhias profissionais que apresentarem melhor repertório, melhor elenco, melhor conjunto técnico, isto é, diretor, cenógrafo, maquinista, eletricitista, etc.

II — Aluguais.

A maioria dos teatros, quer federais, estaduais ou municipais, estão em poder de empresas particulares, arrendados por preços ínfimos, sendo sublocados a empresas teatrais por preços proibitivos, forçando essas empresas cobrarem ingressos a preços que não estão ao alcance do grande público. Deverá criar leis que regulamentem não só a locação dessas casas que deveriam estar sob controle do SNT, órgão protetor do Teatro nacional, bem como as demais casas de espetáculos existentes no país.

III — Teatros.

Todos os teatros existentes no país, federais, estaduais ou municipais, não poderão ser arrendados a quem quer que seja para outra finalidade senão a de teatro; e sua administração e manutenção caberá ao estado ou municipalidade, conforme o caso e nunca a terceiros.

Os grupos amadores locais, poderão ocupá-los sem qualquer onus, cabendo, porém, primazia às companhias profissionais em trânsito.

IV — Impostos e taxas.

Sendo o teatro uma atividade eminentemente cultural e educacional não se compreende que se lhe apliquem tantos impostos e taxas que lhe entravam o desenvolvimento e ampla divulgação. Deve-se

criar leis isentando-o de todos os impostos e taxas e protegendo-o na sua alta finalidade.

Existem um sem número de leis que o protegem e que jamais foram regulamentadas. Regulamentá-las ou criar novas amparando-o em todos os seus setores, desde a sua construção até a apresentação ao público.

V — Ao SNT, órgão do teatro, a ele caberia a função de administrador e fiscalizador em todo o território nacional.

VI — Censura.

Pela legislação atual a Censura Federal é de âmbito nacional. Entretanto, os censores estaduais não a respeitam, ocasionando prejuízos incalculáveis, não só financeiros como culturais às companhias que excursionam através dos Estados. A censura local é apenas para mudança de pequenas palavras, termos não usuais ou de interpretação diferente em alguns locais.

Recomendação sobre CINEMA BRASILEIRO

Os homens de cinema do Brasil solicitam aos intelectuais o seguinte:

1º — Que lutem por medidas visando a proteção dos filmes nacionais, que tenham como tema central a exata expressão de nossos sentimentos e tradições populares.

2º — Que se interessem pela criação de um estilo cinematográfico de conteúdo e forma nacionais, visando a utilização do filme brasileiro como veículo de defesa e de desenvolvimento da cultura de nosso povo.

3º — Que se interessem pelo desenvolvimento do intercâmbio cinematográfico com todos os países latino-americanos, objetivando a realização de um Congresso Latino-Americano de Cinema e o estreitamento de relações com todos os países do mundo.

4º — Que lutem pela implantação de uma legislação que eleve o nível moral e social do cinema, tanto na produção nacional como na escolha das películas importadas.

5º — Que se interessem pela Organização de um sistema continental e nacional estável de distribuição e exibição de películas, baseado nas leis nacionais de proteção, troca internacional de cópias e direitos de exibição com liberação dos direitos aduaneiros.

6º — Que se interessem pela criação de um código ético-profissional baseado no claro conhecimento das responsabilidades dos homens de cinema, como informadores e orientadores dos povos.

7º — Que lutem por medidas e leis que permitam o livre desenvolvimento econômico e artístico do cinema brasileiro.

Recomendação sôbre **RÁDIOFUSÃO**

1º — Sugerir aos poderes competentes, que a arrecadação do imposto sôbre a propriedade de aparelhos de rádio, seja utilizada na criação de rádio-emissora de carater exclusivamente cultural e educativo, nos moldes da Rádio Nacional Francesa, da B. B. C. de Londres, e da R. A. E., de Roma.

2º — Sugerir que 60% da música e assuntos gerais irradiados pelas emissoras brasileiras, tenham carater brasileiro.

Recomendação sôbre **TELEVISÃO**

1º — Que seja criado, com a maior brevidade que o caso requer, um código que moralize e restrinja os programas de televisão tendo em conta a fácil introdução de seus programas nos lares brasileiras.

2º — Que sejam incentivados os programas que possam apresentar, aos nacionais, assuntos atinentes à sua gente.

3º — Incrementar as relações com países que possuam idêntico veículo de transmissão afim de ser apurado o que de melhor possa existir nesse setor.

Recomendação sôbre **ARTES PLÁSTICAS**

1º — Que seja instituída, em tôdas as capitais do país, uma comissão destinada ao incentivo de artistas e emprêsas comerciais no sentido da elevação do carater brasileiro das artes plásticas.

2º — Propostas de uma reunião de artistas-plásticos do Brasil, no sentido de elaborar providências de interêsse comum, a serem apresentadas aos futuros congressos de intelectuais brasileiros.

3º — Proposta no sentido de que o próximo congresso se realize, de preferência nos Estados, tendo por finalidade beneficiá-los, facultando aos próprios congressistas a oportunidade de melhor conhecer o país.

4º — Proposta no sentido de ser criada uma galeria de arte contemporânea e de arte popular, em cada local que o congresso se venha a realizar, devendo compor-se, automaticamente, das contribuições dos respectivos artistas plásticos congressistas.

5º — Proposta de uma lei obrigando a decoração de edifícios públicos e de habitação coletiva, por artistas profissionais.

6º — Proposta no sentido de que seja liberado o direito de importação de material para os artistas, através de suas associações de classe.

7º — Proposta de uma lei obrigando seja construída, em cada edifício, um atelier para artistas plásticos, e instalação de museus de artes plásticas, através do país.

8º — Isenção de direitos alfandegários para obras de arte julgadas úteis à cultura nacional, mediante julgamento prévio de uma comissão técnica.

9º — Criar a legislação nacional atualmente indispensável à proteção dos direitos autorais dos artistas plásticos.

10º — Considerando de instimável importância a conservação de uma documentação artística completa sobre cidades, edifícios antigos, mesmo para os que não poderão ser tombados, que seja recomendado o levantamento cinematográfico e fotográfico completo.

11º — Proposta para que seja recomendada ao Departamento de Urbanismo da Prefeitura do Distrito Federal não sejam atingidos os edifícios da Santa Casa de Misericórdia e da antiga Alfândega, nos atuais planos urbanísticos dessa cidade, tendo em vista a sua importância histórica.

12º — Proposta relativa à criação, nos demais Estados, além do Distrito Federal, Rio Grande do Sul, Pernambuco, São Paulo, Santos e Paraná, de clubes, sociedades ou cooperativas de gravadores, compreendido o intercâmbio, entre êsses Estados e entre o Brasil e os demais países do mundo.

13º — Proposta no sentido de ser mais eficientemente protegido o Salão Nacional de Belas Artes, patrocinando o Ministério da Educação a ida àquele certame das obras dos artistas-plásticos estaduais.

14º — Proposta no sentido de que seja realizada, pelas associações de classe dos respectivos artistas-plásticos, a permuta de peças de arte popular, bem assim como galerias para a sua venda.

15º — Recomendação às autoridades competentes no sentido de que seja criado o "Museu Veiga Vale" na cidade de Goiânia.

RECOMENDAÇÃO DA COMISSÃO DE CIENTISTAS:

1) — Considerando que de uma boa educação sexual na idade infantil e na adolescência depende a correta formação da personalidade e conseqüentemente, o ajustamento do homem adulto ao meio social;

Recomendamos que a educação sexual seja ministrada nas escolas primárias e secundárias.

2) — Considerando que a revalidação dos diplomas de profissionais estrangeiros e de brasileiros formados no estrangeiro é de interesse para o desenvolvimento da cultura brasileira;

Recomendamos que seja facilitado o processo de revalidação em todas as Universidades brasileiras.

3) — Considerando que o instrumental e material médico e científico de importação vem sendo classificado como de baixa prioridade e, às vezes, até de luxo nas licitações cambiais com graves prejuízos para a saúde e a pesquisa científica;

O Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais **apela** para as autoridades federais afim de que ao material e instrumento médico e científico seja concedida a mesma taxa cambial vigente para o papel de imprensa.

4º — Considerando a necessidade de se preservar o nosso patrimônio cultural no campo da medicina;

Recomendamos que se promova a defesa das peculiaridades da cultura médica brasileira.

5º — Considerando que os cursos universitários de formação e aperfeiçoamento científico são cada vez menos acessíveis às camadas de população de menores recursos econômicos, diante da necessidade de uma dedicação intensa aos estudos que impede qualquer ocupação para o seu sustento e considerando que o desenvolvimento cultural científico do Brasil exige apoio e estímulo à formação de cientistas e pesquisadores indispensáveis ao seu progresso como nação:

O Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais **recomenda** aos poderes públicos e aos legisladores que sejam concedidos auxílios econômicos aos estudantes universitários e aos cientistas em cursos de extensão e aperfeiçoamento.

Recomendações da Comissão de Historiadores

Que o Congresso Nacional de Intelectuais, reunido em Goiânia, envie à Comissão Organizadora das Comemorações Tricentenárias da Restauração pernambucana, ao govêrno do Estado de Pernambuco, às Câmaras Estadual e Municipal do Recife, uma moção de solidariedade às Festas Tricentenárias da Restauração Pernambucana, pondo em relêvo ao mesmo tempo a responsabilidade que hoje cabe a todos os brasileiros de lutar pela defesa da cultura nacional ameaçada pelo cosmopolitismo descaracterizador de nossas tradições.

Considerando que alguns monumentos históricos têm sido impietosamente destruídos, como aconteceu últimamente com o velhíssimo Forte do Buraco, em Pernambuco, relíquia do tempo dos holandeses; considerando que é bem melhor prevenir do que lastimar o mal; a Comissão de história recomenda que sejam envidados esforços junto aos órgãos competentes, no sentido de serem consideradas cidades museus: Olinda, Vitória, Goiás, e São Luiz do Maranhão.

Recomendações da Comissão de Juristas

O Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais **recomenda**:

1) — Elaborar, por intermédio de uma comissão a ser designada por sua Comissão Diretora, e encaminhar ao Poder Legislativo um ante-projeto de lei, criando meios e medidas destinados a evitar os

malefícios de ordem espiritual e moral, que decorrem atualmente para o nosso povo, em geral, e à nossa infância e juventude, em particular, de publicações periódicas, como sejam, revistas policiais, de amor, e nós "artísticos", jornais humorísticos, histórias de quadinhos, etc.;

2) — Apelar para o Congresso Nacional no sentido de que, com toda a urgência possível, revogue as leis restritivas da liberdade individuais e rejeite os projetos de idêntica natureza, especialmente o da chamada "Lei de Infidelidade à Pátria"; e

3) — Apelar para todos os órgãos do Poder Judiciário do Brasil, no sentido de que, com a sua alta autoridade, tornem efetiva a punição de todos aqueles que, abusando da autoridade de que estejam investidos, atentem contra os direitos fundamentais que a nossa Lei Básica assegura a todos.

Recomendações da Comissão de Professores:

1º — Que o Congresso se dirija ao Ministério da Educação e Cultura no sentido de ser possibilitado, com urgência, o processamento da criação das Universidades do Ceará e do Brasil-Central;

2º — à Imprensa Nacional, sugerindo-lhe organizações publicitárias que prestigem moral e materialmente instituições estudantis de caráter extra-curricular, como sejam casas de estudante, bibliotecas escolares, excursões culturais, etc.

3º — aos Poderes Constituídos, que mantenham em tôdas as cidades aquelas instituições em número suficiente para a população escolar;

4º — que se oficie ao Parlamento e ao Ministério da Educação e Cultura encarecendo a necessidade urgente de reajuste de vencimentos do professor, afim de qu possa êsse benfeitor ter nível de vida condigno e dedicar-se integralmente ao magistério — sublime tarefa de desenvolver e formar o homem na sua totalidade, sob problemas por demais variados e complexos;

5º — que se oficie ao Parlamento e ao Ministério da Educação e Cultura solicitando ampliação da concessão de bolsas de estudo, a fim de serem propiciados à juventude brasileira, de tôdas as condições sociais, o aproveitamento de suas virtualidades, de suas reais aptidões e aquisição do necessário material escolar, do que resulta maior democratização do ensino no país;

6º — que se oficie ao Parlamento Nacional e aos demais órgãos competentes, sugerindo:

a) — expansão da rede oficial do ensino técnico e modernização da atual estrutura dêsse aprendizado, bem como reorganização do equipamento escolar;

b) — medidas de amparo e estímulo ao profissional técnico, ga-

rantido-lhe preferência no recrutamento para as funções especializadas em repartições públicas e instituições particulares;

7º — que se recomende aos intelectuais brasileiros, na tribuna parlamentar, na imprensa, na cátedra e em tôdas as situações propícias a divulgação de:

a) — exigência da integral aplicação das verbas para educação, bem como empreendimento da campanha em prol da reserva de 20% das dotações orçamentárias para fins educacionais;

b) — organização imediata de comissões nacionais, estaduais e municipais, em prol de bibliotecas públicas acessíveis a todos, observando-se uma densidade demográfica de dez mil habitantes para cada unidade;

c) — organização de museus regionais e locais, que tenham sob sua guarda os testemunhos históricos da penetração interiorana, da organização das famílias, da estrutura e expansão agro-industrial, esquemas e gráficos da produção econômica, iconografia dos vultos representativos e eventos significativos, sinopse da respectiva vida política, etc.;

8º — que se officie ao Parlamento e demais órgãos competentes, encarecendo:

a) — ação supletiva do governo federal pela inclusão na lei orçamentária de verbas destinadas a suprir as deficiências financeiras das Federações ou Serviços de Clubes Agrícolas Escolares existentes nos diversos Estados, propiciando-lhes desenvolvimento e eficiência;

b) — interêsse dos Estados e Municípios no sentido de ampliarem as respectivas rêdes de Clubes Agrícolas, bem como de instalarem, na medida do possível, Escolas Normais Rurais que habilitem suficientemente regentes de ensino para o magistério primário na zona rural.

RECOMENDAÇÕES SÔBRE MÚSICA

1º — Sugerir a convocação de um Congresso Nacional de Música.

2º — Pugnar para que sejam instituídos festivais anuais de Música Brasileira de âmbito nacional, nas principais capitais, destinados ao incentivo dos compositores e intérpretes brasileiros.

3º — Estudar e obter a instituição de prêmios anuais para compositores e intérpretes nacionais de música erudita popular.

4º — propor a promoção de intercâmbio musical, na base de reciprocidade, com todos os países.

5º — Propor a criação de Escolas Estaduais de Música.

6º — Pleitear junto ao Ministério da Fazenda que todo material musical (instrumentos, partituras, cordas, demais acessórios) seja colocado em categoria de câmbio, à parte, para efeito de importação, gozando dos mesmos privilégios de produtos como o papel de imprensa.



Flagrante da churrascada oferecida às delegações

7º — Sugerir a criação de cursos de iniciação musical nas escolas primárias de todo o país, e a substituição da atual cadeira de Música existente no ensino secundário, pela de Divulgação Musical.

8º — Sugerir a divulgação, por todos os meios, da música brasileira e seus intérpretes, através de todo o território nacional.

9º — Propor que o folclore e a música popular brasileira sejam colocados como base do ensino musical em todas as escolas do país.

10º — Pugnar para que seja estabelecida uma porcentagem obrigatória de obras nacionais, nos programas de todas as sociedades obrigatórias de obras nacionais, nos programas de todas as sociedades de música, numa base mínima de 10% para as não subvencionadas e de 30% para as que contam com os benefícios de subvenções oficiais.

11º — Inclusão de intérpretes nacionais nas sociedades musicais existentes, numa base de 30% para as que não contam com subvenção oficial e de 60% para as subvencionadas oficialmente.

12º — Sugerir ao governo a obrigatoriedade de uma porcentagem para a edição e gravação da música erudita brasileira, com intérpretes brasileiros.

13 — Sugerir ainda, que a importação de discos seja feita na base de reciprocidade, de acordo com o gênero dos mesmos.

Recomendação sobre folclore

1º — Que se pleiteie junto ao Governo Federal o aumento de verbas para a gravação das interpretações mais notáveis do folclore, abrangendo o canto, a música, a poesia e a tradição oral do povo brasileiro.

2º — Que se pleiteie, junto ao Governo Federal, igualmente, sejam filmadas as danças populares de todos os tipos.

O Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais reconhece a necessidade de tomar medidas para a solução dos pontos seguintes:

1º) — Estudo da sua história e tradições.

2º) — Pesquisas sobre as suas manifestações artísticas e artesanato.

3º) — Pesquisas da sua mitologia e folclore.

4º) — Pesquisas dos fenômenos que estão determinando a aculturação dos povos indígenas:

Quanto à defesa das culturas indígenas.

1º) — Impedir por todos os meios legais a substituição dos seus instrumentos musicais e implementos do trabalho artístico por outros de origem adventícia.

2º) — Levantamento de um quadro das equipes indígenas que mais se destacam como criadores e intérpretes da música, dança e canto indígena.

3º) — Reorganização dos serviços de Proteção dos Índios.

4º) — Inquérito sobre os resultados e efeitos da atuação das várias formas de pacificação.

5º) — Inquérito sobre o desgaste das atividades intelectuais e manuais indígenas em consequência do trabalho escravo a que tribus pacíficas e catequizadas estão sujeitas.

6º) — Liberdade de produção e comércio para o indígena dentro de terras que lhes sejam legalmente entregues.

7º) — Revisão das leis referentes à incorporação das indígenas à civilização brasileira.

Quanto à preservação da cultura brasileira:

1º) — Reedição das obras fundamentais e subsidiárias sobre a vida, a língua e o folclore dos indígenas brasileiros.

2º) — Controle sobre a exportação de materiais etnográficos brasileiros sem que haja, de antemão, duplicatas, reservadas aos nossos museus.

3º) — Fundação de escolas rurais com a finalidade de pesquisar as manifestações das várias atividades indígenas, antecedida da formação de professores especializados ao assunto.



O poeta **Pablo Neruda**, o juiz **Osni Duarte Pereira** e o desembargador **Henrique Fialho** trocam impressões

4º) — Concessão de subvenção e auxílio para as instituições já existentes que têm por objetivo a coleta e a conservação de material indígena.

No interesse de melhor defesa e desenvolvimento dos estudos folclóricos nacionais e tendo em vista a necessidade de harmonizar, na base de mais amplo entendimento, as atividades dos que se interessam pela salvaguarda e difusão de nossas peças tradicionais, propomos:

1º) — Que a Comissão Central de Folclore, por seu presidente, passe a interessar-se em fornecer possibilidades econômicas às Comissões Estaduais de Folclore, para o fim de que possam incrementar suas pesquisas e editar obras, ou publicações especializadas.

2º) — Que as Comissões Estaduais de Folclore sejam apoiadas e prestigiadas pela Comissão Central, quando conseguem festas de caráter tradicional e distribuam os prêmios correspondentes ao estímulo devido a tais representações.

3º) — Que sejam amparados os membros dos sindicatos de músicos, dos vários Estados, no sentido de sua melhor defesa econômica e de uma aproximação mais estreita com a música essencialmente brasileira nos motivos e nas composições.

4º) — Que sejam tomadas medidas de preservação das composições musicais regionais, respeitando-se sua pureza instrumental, as danças típicas correlatas, de modo a evitar-se a infiltração de métodos musicais exóticos e perturbadores dos reais e autênticos sentimentos artísticos nacionais.

VII

Telegrama de Intelectuais Portugêses

CONGRESSO NACIONAL DE INTELECTUAIS

GOIÂNIA

Estado de Goiás — BRASIL.

Saudamos intellectualidade brasileira perfilhando vossos propósitos de defesa culturas nacionais e intercâmbio cultural todos povos.

Pedimos vosso interesse realização Congresso Luso-Brasileiro de Escritores como primeira expressão consequente vosso Congresso.

Adriano de Gusmão, Afonso Duarte, Aleixo Ribeiro, Alexandre Cabral, Alexandre O'Neill, Alvaro Salema, Alves Redol, Antônio José Saraiva, Antunes da Silva, Aquilino Ribeiro, Armando Vieira Santos, Armindo Rodrigues, Assis Esperança, Augusto Casimiro, Cardoso Pires, Castro Soromenho, Celestino Castro, César dos Santos, Domingos Monteiro, Faure da Rosa, Fernando Lopes Graça, Ferreira de Castro, Fidelino de Figueiredo, Francisco Keil do Amaral, Gaspar Simões, Hernani Cidade, Jaime Cortesão Casimiro, João José Cochofel, João Pedro de Andrade, José Ferreira Monte, José Gomes Ferreira, Julião Quintinha, Júlio Pomar, Leão Penedo, Lília da Fonseca, Lima de Freitas, Luís Francisco Rebello, Luís Varela Aldemira, Manuela de Azevedo, Maria Archer, Maria Lamas, Mário Braga, Norberto Lopes, Orlando Costa, Patrícia Joyce, Ramos de Almeida, Rodrigues Lapa, Rogério de Freitas, Romeu Correia, Vergílio Ferreira, Vicente Campinas, Victor Palla, Vieira de Almeida, Mário Monteiro Pereira, Júlio Graça.

VIII

Poetas no Congresso

E X O D O

- Eu fui por um caminho
- Eu também
- Pelo caminho da fome
- Eu também
- Enquanto ouvia promessas
- Eu também
- Passageiro em pau-de-arara
- Eu também
- Por outras terras andei
- Eu também

- Plantei café, plantei cana
— Eu também
- Tropecei no cardo amargo
— Eu também
- Amarguei o sol de abril
— Eu também
- De alugado trabalhei
— Eu também
- Fiz barragem, fiz estrada
— Eu também
- Eu fui por um caminho
— Eu também
- Enquanto ouvia promessas
— Eu também
- Encontrei meus camaradas
— Eu também
- Pela fome revoltados
— Eu também
- Derrubei um boi alguém
— Eu também
- Mastiguei a carne dele
— Eu também
- Com o peixe do açude
— Eu também
- Soltei riso de ironia
— Eu também
- Comi feijão, comi milho
— Eu também
- Sentei ao pé da fogueira
— Eu também
- Fiz sulcos na face magra
— Eu também
- Enquanto ouvia promessas
— Eu também
- Encontrei meus camaradas
— Eu também
- Eu fui por um caminho
— Eu também

Aluízio Medeiros

(Ceará)

A F I R M A Ç Ã O

Situada estou no cerne
alimento-me de sementes que germinam
vida
e o meu olhar passeia
pelas estradas do tempo.

Digo aos famintos
e aos maltrapilhos
— muitas rêses pastam
nos campos do futuro
e muito linho
teceremos destas fibras,
mas no cerne permaneço
e sou seiva.

Vejo crescer a árvore
e esgalhar ao sol
os seus anseios, e os frutos
penderem dos extremos
Quando madurarem
estarei de novo nas sementes
para outra vez tornar-me
cerne
e em seiva transformar-me
nas futuras colheitas.

Porque hoje eu canto
a minha crença
a minha crença
no futuro
e sou seiva
e cresço no cerne de meu povo
mas amanhã
estarei com êle nas estacas
do edificio novo
e serei uma das janelas
por onde se há de ver
o homem transformado
em irmão de seu irmão
e nisso eu creio
e por isso no cerne
permaneço

Antonieta Dias de Moraes
(S. Paulo)

NOS MEUS DEDOS CANTA O TEJO

Nos meus dedos canta o Tejo
voam pombas do Rossio.

Na palma das minhas mãos
um povo escravo dormiu

Dormiu em tôda a cidade
nos jardins e nos jornais.

As pombas caíram mortas
e o Tejo não canta mais.

— Mãos abertas ! mãos abertas
talhando certezas certas !

Mas as mãos não eram mãos
eram vontade de um povo.

As pombas nasceram brancas
e o Tejo cantou de novo.

Fernando Correia da Silva
(português)

O poema velu de Costa Rica e Edson Nequete, sem conhecer o autor, com sua sensibilidade característica, percebeu os valores estéticos do poema que transcrevemos mais adiante, e emocionou-se de uma tal maneira que o declamou, por vèzes, em Porto Alegre, levou-o a Montevidéu, a Buenos Aires, a Rosário, ao Rio e ... "los mineros del carbon / van perforando la tierra / a golpes de corazón ..."

O poeta, que diz: "A las entrañas de Lota / tiene que volver la vida" ., dá-se à conhecer no coração do Brasil, na cidade menina de Goiânia, onde recentemente se realizou o primeiro Congresso de Intelectuais Brasileiros. Nequete, da delegação do Rio Grande do Sul, não pode conter o seu contentamento ao identificar o poema com o seu autor, Joaquim Gutierrez, de Costa Rica no-lo apresentou, contando-nos, com viva satisfação, a história de "los mineros del Carbón". Agora, para os mineiros de Santa Catarina, a mensagem de amor, esperança e ternura de Joaquim Gutierrez:

"... Mañana, talvez, quizás
una luz en la ventana,
El tiempo no vuelve atraz,
El tiempo no vuelve atraz,
Se muere hoy y no mañana.

LOS MINEROS DEL CARBÓN

Esa no es una canción,
ese es un grito de guerra
Los mineros del carbón,
Los mineros del carbón,
Están sangrando la tierra.

La uña clava en la roca
una esperanza gastada,
El rencor agría la boca,
El rencor agría la boca,
Pero nadie dice nada.

Rodillas, codos abiertos,
Polvo en los ojos vacíos
Como un desfile de muertos
Como un desfile de muertos
Arrastado por los ríos.

Mañana, talvez, quizás,
una luz en la ventana.
El tiempo no vuelve atrás.
El tiempo no vuelve atrás,
Se muere hoy y no mañana.

Tienes las manos abiertas
pero las puedes cerrar,
Cuando están sordas las puertas.
Cuando están sordas las puertas.
Todos debemos gritar !

Esa canción no la canto
que la debes cantar tu,
Ecuación, tanto más cuanto
Ecuación, tanto más cuanto
Tu vida contra el grisú.

La vida marchita y rota,
está entre los hierros perdida.
A las entrañas de Lota,
A las entrañas de Lota,
Tiene que volver la vida

Esa no es una canción
Ese es un grito de guerra,
Los mineros del carbón
Van perforando la tierra
A golpes de corazón

Joaquín Gutiérrez

(Costa Rica)

Questionário da Revista "SUL", sobre o Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais realizado em GOIÂNIA, de 12-21 de fevereiro de 1954:

1º) — Qual a sua impressão do Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais ?

2º) — Acha interesse na organização de outros conclaves semelhantes ?

3º) — O que mais o impressionou durante a realização do Congresso ?

Depõem:

Cesar Ávila, cientista, da Delegação do Rio Grande do Sul;

Clovis Melo, escritor, da Delegação de Pernambuco;

Clovis Moura, poeta, da Delegação do Piauí;

Djanira, pintora, da Delegação do Distrito Federal;

Eli Brasiliense, escritor, da Delegação de Goiás;

Fernando Correia da Silva, escritor, português;

Frei Nazareno Confaloni, pintor, da Delegação de Goiás;

José Geraldo Vieira, escritor, da Delegação de São Paulo;

Lima Barreto, cineasta, da Delegação de São Paulo;

Modesto de Souza, ator de teatro e cinema, da Delegação do Distrito Federal;

Osní Duarte Pereira, jurista, da Delegação do Distrito Federal;

- 1) — Como um dos organizadores do Congresso estou contente com o êxito alcançado pelo certame. Pintar êsse contentamento em poucas palavras é impossível.
- 2) — Acredito que o Segundo Congresso Nacional de Intelectuais já seja preocupação de todos os brasileiros.
- 3) — A cordialidade, a democracia, a confraternização com intelectuais estrangeiros. O apoio do povo goiano, o seu interesse por todos os trabalhos do congresso. Isto é muito animador, um motivo de alegria e de esperança.

Eli Brasiliense

Resposta ao primeiro quesito

1) O Congresso de Goiânia marcou profundamente o meu espírito. As resoluções unitárias a que chegamos mostraram claramente que nós intelectuais podemos alcançar um entendimento e paz perfeita quando quesitos tão importantes como o das preservação da nossa cultura estão em jogo. Sou pintora de profissão e católica de criança religiosa. Entretanto não hesitei em estender minha mão fraterna aos congressistas protestantes, espíritas, e de formação política partidária diversas das minhas.

Resposta ao segundo quesito

O I^o Congresso Nacional de Intelectuais é uma etapa vitoriosa. Considero necessário encontrar como este afim de que possamos não somente consolidar mas também desenvolver as conquistas de agora. As lições do Congresso de Goiânia não devem ser esquecidas. O plenário por aclamação aprovou a resolução de um próximo conclave dentro o período mínimo de um ano e máximo de dois.

Resposta ao terceiro quesito

A ordem, a unidade e as finalidades de propósitos, que mostrou que os nossos intelectuais não são desligados da distância cotidiana dos seus problemas e dos problemas do nosso povo e da nossa cultura que deve ser preservada.

1 — Foi o Congresso a primeira etapa para um grande movimento que englobará a quase totalidade da nossa intelectualidade e que terá por objetivo a preservação do nosso patrimônio histórico, artístico, científico e literário. Para que esses altos objetivos sejam conseguidos foi que o Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais se realizou. Porque, ninguém de sã consciência poderá esconder que existe uma ameaça à nossa cultura que está passando por um processo de despersonalização, exercida por forças estranhas às nossas tradições culturais. Por outro lado, os intelectuais reunidos em Goiânia compreenderam a necessidade de um intercâmbio intenso e sem entraves de qualquer espécie com todos os países do mundo. E que esse intercâmbio tenha o caráter de reciprocidade e igualdade. Reconheceu-se, por outro lado, no Congresso, a necessidade de uma atuação mais organizada por parte dos intelectuais para a defesa dos seus direitos. Os problemas éticos e profissionais dos trabalhadores intelectuais preocuparam os congressistas. Destacamos, como exemplos, as intervenções de Mario Brasini e Cesar D'Avila para ilustrar.

2 — Sim, não só interessante como necessária sua organização.

3 — O espírito de unidade entre os delegados e o alto nível cultural das intervenções. Homens de todas as tendências e pertencentes às mais diversas esferas de atividade intelectual conseguiram mostrar que já temos em nosso país um nível cultural que é um patrimônio valioso para a cultura de todos os povos e que, por isso mesmo, deve ser defendido e desenvolvido.

Clovis Moura

1^a) — Ótima impressão. Talvez tenha sido o que de mais sério se fez, no Brasil, no setor intelectual, desde a Escola do Recife. Creio mesmo que terá, como a Escola do Recife, profunda impres-

são, nacional, determinando o retorno às fontes folclóricas e populares da Cultura, da qual estávamos nos distanciando, numa atitude suicida que só nos poderá levar a desastrosas consequências.

2ª) — Sim, aqui está o embrião de um poderoso movimento de nacionalismo cultural. Outros congressos servirão para consolidar o êxito obtido em Goiânia. Sugeriria mesmo que se criasse um órgão permanente de defesa da cultura nacional, para a preparação de novos conclaves.

3ª) — A unidade da inteligência brasileira revelada nos debates. O Congresso de Goiânia demonstrou que homens de diferentes ideologias e posições podem discutir sem desumir-se. Desde que haja interesse na defesa da cultura e reivindicações unitárias. E sobretudo dignidade, de parte a parte, como houve em Goiânia.

Clovis Melo

a) Considero um dos mais impressionantes espetáculos de demonstração do vigor da cultura latino-americana. A presença de poetas, escritores e compositores de grande número de nações, incluindo ainda a excepcional figura do Presidente da Câmara dos Deputados do Chile, escritor Baltazar Castro, ao lado dos maiores nomes do pensamento nacional, todos prestando colaboração intensa e brilhante, constituiu um desses acontecimentos que não se poderá esquecer jamais.

b) É evidente a utilidade de reuniões desse tipo, como forma de unir as atividades dispersas, aumentar o patrimônio pessoal de conhecimentos de cada um e realizar um trabalho produtivo em favor da defesa da cultura brasileira ameaçada de absorção, por culturas e pseudo-culturas estrangeiras, relegando ao esquecimento tesouros imensos da inteligência nacional.

Neste sentido apresentei uma indicação solicitando que o Congresso se transformasse em entidade permanente de defesa da cultura brasileira e elaborasse um projeto de lei para ser encaminhado ao parlamento, no sentido de criar um órgão de fiscalização do cinema, do rádio e da imprensa, com o objetivo de interditar os males tremendos que vêm causando as revistas em quadrinhos, a sub-literatura de novelas policiais, contos erótivos, a publicidade de prostitutas nuas nas primeiras páginas de jornais, etc. Seria uma espécie de magistratura eleita por sociedades culturais e pelo professorado brasileiro, sem cõr político-partidária, nem preconceitos religiosos.

Aventurei-me a essa iniciativa, diante da boa receptividade obtida em tese semelhante que sustentei na "Conferência Internacional de Juristas" em Berlim, advogando o carater de serviço público que deve ter a imprensa, o rádio e o teatro, impróprio para ser objeto de comércio e de indústria destinada a obter lucros, à custa da cultura e do perfeito esclarecimento das massas.

c) Embora ainda não tenha chegado ao fim, difícil é destacar o que mais impressionou na realização do Congresso. Seria a arrebatadora eloquência de Baltazar Castro, o presidente da Câmara de Deputados do Chile? O riquíssimo conteúdo social dos poemas recitados por Pablo Nerúda, por Depestre, por Jesualdo? A beleza das contribuições folclóricas da cantora chilena Margot Loiola, de Stelinha Egg? As intervenções no plenário em favor do teatro e do cinema nacional? A exposição de arte trazida pelas delegações? O alto nível intelectual manifestado pela platéia goiana que superlotou o grande cine-teatro da capital, aplaudindo no momento próprio os pontos altos das solenidades? A hospitalidade impecável proporcionada pelo povo e pelo governo de Goiás? Ou, mais do que tudo, a frequência extraordinária do clero católico, vendo-se padres e mais padres, conversando pelos corredores, com Jorge Amado e todos, despidos de convicções pessoais, unidos na defesa da cultura nacional?

Osni Duarte Pereira



José Geraldo Vieira, escritor, cujo depoimento a respeito do Congresso, damos mais abaixo

- 1º — Boa. As intervenções lidas sempre em plenário têm eficiência mais direta do que as teses discutidos em comissões.
- 2º — Sim. Com programação bem elaborada.
- 3º — A intervenção do uruguaio Jesualdo.

José Geraldo Vieira

1º — A melhor.

2º — Certamente, dado o aspecto nitidamente positivo que este tomou.

Dado ainda o fato da cultura portuguesa atravessar uma crise bem aguda, devido a condições específicas que todo o brasileiro conhece, e dado ainda o intercâmbio e os laços que unem nossos países, todo o ressurgimento cultural do Brasil terá influência direta em Portugal.

3º — A unidade obtida entre os intelectuais das mais diversas tendências, pelo que diz respeito ao enraçamento de cultura em temas nacionais, e à defesa comum dos seus direitos e interesses.

Uma Frente Única, como disse Lima Barreto para se opor à desagregação da cultura brasileira ameaçada de morte por influências estranhas.

Fernando Correia da Silva

A resposta à primeira pergunta está prejudicada pela impossibilidade de responder à terceira — posto que o congresso está no seu início.

Quanto à 2ª pergunta, devo declarar que, se vivessemos num país **GOVERNADO**, congressos como esse deviam realizar-se frequentemente. Por outras palavras, devíamos estar, permanentemente em congresso intelectual "fazendo força", para descobrir cada vez mais o Brasil.

Lima Barreto

1 — De surpresa. Surpresa absoluta.

A começar por Goiânia: flôr moderna desabrochada em plena selva, mimo ao progresso e às possibilidades do Brasil. Depois: a cultura invulgar de sua gente e a receptividade de seu povo hospitaleiro.

2 — Isso não se pergunta. É pena que não seja possível realizá-los, continuamente, qual caravana da cultura, indo de rincão em rincão da América do Sul, educando e apressando a fatal evolução do latino-americano.

— Primeiro, a beleza exótica das goianas morenas-conheci a Miss Brasil e depois... faltam adjetivos, falta papel, falta tempo.

Margot Loyola — o Chile feito canto, tradição e graça. Neruda! Baltazar Castro e Volodia-oradores extraordinários. O romance com Jesualdo e Kordon, Uruguay e Argentina. O cinema com Cavalcanti, Lima Barreto, Vanja Orico, Glauce, Maria Dela Costa, os italianos e tantos outros. O teatro com o sempre novo e admirável Modesto de Souza. Com Nequête-o insatisfeito e Sandro, recordando a grande amiga Itália Fausta.

Na poesia a nossa caravana do Rio Grande brilhou sem dúvida:

Lila Ripol e Lacy Osorio foram pontes altas ao lado de Emilio Corra Guerra e de uma notável poetisa de S. Paulo de quem não guardei o nome. E como guardar o nome de todos? Cinco horas a fio de poesias recitadas pelos próprios autores... Enfim havia de tudo: medicina, química, música, pintura e até um professor de mecânica celéste.

O samba brilhou com o Lupicínio que não quiz cantar "Vingança".

A "catira", dançada por sertanejos do interior de Goiás ao som de improvisações de música e canto.

E todos congregados pelos mesmos problemas: padres, artistas e cientistas. Tocante, emocionante a união do povo com os intelectuais! Centenas de crianças pedindo autógrafos em pedacinhos de papel, cadernos de colégio, albuns de luxo. A Senhora Andrade, esposa do agente da VASP, disse que seu filho de 10 anos de idade, não perdeu uma sessão do Congresso. Depois da segunda, fechou-se no quarto. Saiu com um papel na mão, sua primeira página literária intitulada: "Para minha mãe".

Wilson Villas Boas, esbélto sertanejo, figura magnífica, fotogenico e inteligente, morando em Aragarças, onde desde os 10 anos de idade trabalha no serviço de Proteção aos Índios e que, agora aos 18, depois de ter feito pontas em películas aqui filmadas, veio ao Congresso para ver se conseguia seguir a carreira de ator profissional. Sempre viveu no meio da selva entre índios e onças.

— "Somos explorados" — me disse — "eu só ganho seiscentos cruzeiros. Quero melhorar a vida e sinto que sirvo p'ra artista. Vou dar um jeito nisso, sim".

Ensinou-me coisas interessantes sobre índios e feras. Em pouco tempo aprendi com Wilson mais do que até hoje sabia a respeito do assunto.

— "Os índios não passam de crianças" — disse-me êle — "brincam como crianças, amam como crianças".

E êsse menino de largo sorriso teve um gesto que me comoveu profundamente. Antes de voltar para Aragarças, tímido, dando uma fortuna de carinho, pensando não estar dando nada, entregou ao jurista Claudio Mércio, nosso chefe da embaixada gaúcha, um presente para eu trazer: duas pequeninas turmalinas de Goiás. Presente para minhas filhas cujos retratos vira em minha carteira!

Eu vou entregar às minhas filhas essas pedrinhas de côr, arrancadas do coração do Brasil e dadas pelo jovem sertanista. Jamais elas possuirão joias mais preciosas.

Essas turmalinas diminutas significam a ligação profunda que existe entre a juventude dêste Brasil imenso, sem discriminações raciais, sem fronteiras filosóficas ou religiosas. Sim, a ligação dos jovens da América Latina.

E um Continente com uma juventude assim conquistará um Mundo Novo!

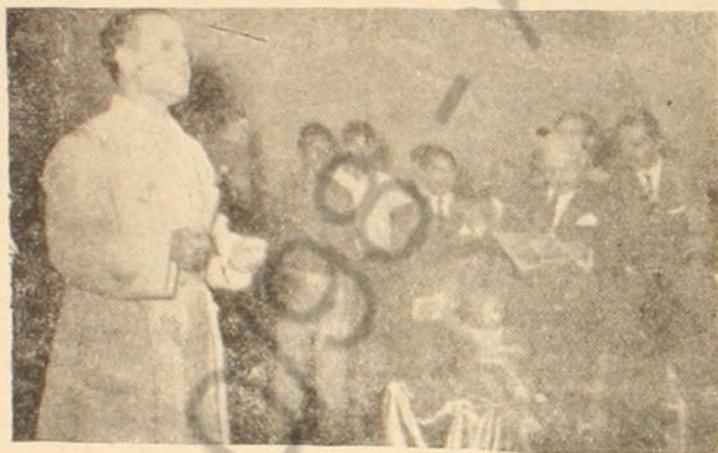
Cesar Ávila

1) Impressão ótima, seja pelo comportamento cordial e respeitoso dos congressistas pelas idéias alheias, e seja pela organização construtiva dos debates.

2) Acho não só interessantes, mas necessário pelo desenvolvimento da cultura Nacional encontros semelhantes entre os representantes dos cultores do Espírito.

3) O numeroso concurso dos congressistas nas sessões.

Frei Nazareno Confaloni



Frei Nazareno Confaloni discursando durante a inauguração da Exposição de Artes Plásticas

1º — A melhor possível, pois até o dia de sua instalação, eu não imaginava que o amanhã sofra, como sofrerá inexoravelmente, às influências benéficas de tão sublime conclave.

2º — Sem dúvida; porque de maneira contrária, seria dar vida a um corpo e deixá-lo perecer sem alimentação.

3º — O grande número de personalidades, vindas das Repúblicas irmãs, até da Europa; prova evidente de que os povos sentem ânsia, em se unirem, para a confraternização universal.

Modesto Souza

X

CONGRESSO DE INTELECTUAIS

Os intelectuais brasileiros não querem e nem podem assistir ao doloroso espetáculo de ver a cultura nacional ser atacada, contamina-

da por influências estrangeiras e desprezada a contribuição do sentimento popular na arte e na literatura.

Organizaram o 1º CONGRESSO NACIONAL DE INTELECTUAIS com o intuito de reunir os interessados em salvaguardar a cultura da ação destruidora que os inimigos de sua nacionalização exercem sobre ela. Defendendo a expressão artística e literária brasileiras contra as contaminações que vem sofrendo, mediante indicações elaboradas por elementos representativos da intelectualidade nacional, o 1º CONGRESSO DE INTELECTUAIS do Brasil constituiu um sucesso — sucesso este obtido à custa do trabalho de todos os que se dedicaram a sua organização e realização.

Goiânia, a mais moça das Capitais brasileiras, foi a cidade que recebeu as diversas delegações do estrangeiro e a nacional, foi a sede do Congresso. E porque Goiânia? É ela, por acaso, centro expressivo de cultura? Quando se pensou em escolher Goiânia não se cogitou de descobrir, propriamente, **centro importante de cultura** porque todos os centros de cultura são importantes, mas, tratou-se de destruir o falso conceito de que cultura existe somente no litoral e de valorizar o trabalho anônimo do intelectual de província. Goiânia cresce. Nasceu há pouco: ainda não tem vinte anos. Escolas superiores são criadas, chamando para o centro do Brasil estudantes de todos os outros Estados, tentados por uma vida estudantil numa cidade que se forma e se organiza pelo esforço conjunto dos brasileiros. Trabalha-se, em Goiânia, pela criação da Universidade do Brasil Central — justa e séria aspiração dos estudantes universitários. A U. B. C. irá evitar o êxodo do estudante goiano para o litoral — problema que, uma vez resolvido, deixará de afligir as famílias e os jovens que, na sua maioria, abandonam seus ideais, perdem os bons propósitos, quando não encontram solução para a dificuldade criada pelo desejo de frequentar uma Faculdade ainda não existente, em Goiânia.

Os estudantes universitários goianos receberam o 1º CONGRESSO NACIONAL DE INTELECTUAIS, com grande entusiasmo, porque puderam debater e expor seus problemas — cujo aspecto principal relatei acima — e saíram desta festa da cultura, que foi o Congresso, convencidos não só da realidade tremenda da situação cultural brasileira, mas, principalmente, cheios de esperança para um futuro melhor. Este futuro, é bem certo, os próprios jovens ajudarão a construir, na qualidade de responsáveis pela colaboração necessária ao desenvolvimento da sociedade humana.

Assim como os estudantes, todos os participantes do Congresso, auxiliados pelos depoimentos sinceros, pelos verdadeiros gritos de alerta das mais expressivas figuras da intelectualidade não só brasileira, mas, também estrangeira — ficaram sentindo a necessidade de se unirem na defesa da finalidade comum: livrar a arte e a lite-

teratura da ação destruidora da má influência, favorecer o desenvolvimento do intercâmbio cultural entre povos e países, solidificar a expressão popular.

Tudo isto faz parte do temário claro e objetivo do Congresso realizado em Goiânia.

Para que o Congresso alcançasse êxito bastaria a presença amiga dos poetas, romancistas e musicistas dos convidados estrangeiros — que vieram trazer a contribuição valiosa decorrente não da celebridade que os cêrca e que êles procuram até mesmo ignorar porque são acessíveis, simples e agradáveis, mas, pela denúncia de problemas e pela vontade de nos ajudar.

Nesta troca de impressões e neste espírito de amizade e cooperação muita coisa foi feita: música, poesia, folclore do Brasil, da Argentina, do Chile e do Uruguai, de Haiti, Cuba e Costa Rica foram exibidos numa afirmação eloquente do sentimento típico de cada terra. Realizou-se a fusão (se podemos chamar assim) da arte popular chilena e goiana pela apresentação da Catira — dança própria dos sertanejos goianos — e a música folclórica de Margot Loyola.

Na defesa do direito e da liberdade dos intelectuais marcou o Congresso uma etapa importante, pelo exame atento da situação em que vivem artistas e escritores, pela valorização do livro, pela implantação de um cinema com bases firmes na história de nossa gente e de nosso povo. Colocados em destaque todos êstes problemas básicos, útil tornou-se a união e o intercâmbio entre intelectuais de todo o mundo para continuarem se mantendo no papel que lhes cabe na sociedade: pioneiros das idéias de vanguarda, orientadores da juventude e força que conduz e forma a consciência coletiva.

O Congresso veio provar o que de realidade social da literatura e ação construtiva da arte pela apresentação de temas que exibiam tôda a situação atual em que nos debatemos, na agitação e na tumultuosidade da hora presente, quando mais importante se torna a tarefa do escritor, do poeta, ou do artista.

Dentro de uma realidade social em que muito comum é a inversão de valores, de verdades e de crenças, com uma juventude orientada pela propaganda absurda de uma cultura anti-nacional, os intelectuais brasileiros levantaram um protesto unânime e indicaram soluções valiosas.

Nesta sincera vontade de não negar e nem desprezar a participação na formação da vida cultural brasileira livre de contaminações, os artistas e escritores do Brasil tiveram no Congresso uma oportunidade de demonstrar o espírito de cooperação de que se sentem possuídos para vencer os inimigos de nossa arte e de nossa literatura.

Suzy Cunha e Cruz

BREVE CONVERSA COM EDISON NEQUETE

Edison Nequete é um jovem, mas já de nome bem conhecido nos meios teatrais, especialmente entre os chamados "teatros de estudante". Tem desde cedo dedicado o melhor de seus esforços para tornar o teatro uma coisa séria, um meio de educação do povo. É ele mesmo quem diz ser o teatro um dos meios mais ao alcance e mais fáceis de se compreender. Falar com Nequete é falar de teatro. Vira-se e revira-se nos temas culturais e se vai, muito naturalmente, acabar em teatro.

Durante o Congresso de Goiânia, Edison Nequete, bem como outros atores, autores e diretores, teve oportunidade de debater, de estudar, de apresentar em plenário os problemas que assoberbam o teatro brasileiro.

Em Pôrto Alegre, onde reside — não sabemos bem se aqui calhará o têrmo reside, já que Nequete nos pareceu mais um nômade, sempre e sempre a procura de novos temas e novas terras! — escreve, trabalha, atua, dirige, é um faz-tudo do teatro.

Tivemos oportunidade de, por diversas vèzes, durante o Congresso, escutar suas teorias sôbre teatro. E foi de uma delas que nasceu a idéia desta conversa. Não a chamaremos de entrevista, nome pomposo em demasia e que não se coaduna com o nosso simples e mais simpático bate-papo. No final destas diversas conversas formulamos as seguintes perguntas, às quais Nequete prontamente respondeu:

1º) — Há teatro no Brasil?

R.: — Felizmente há tentativas isoladas de se criar teatro brasileiro, com autores, diretores e intérpretes brasileiros, conhecedores dos modos, usos e costumes do povo brasileiro.

2º) — O que é necessário para a criação de um teatro genuinamente brasileiro?

R.: — Teatro, como qualquer outra arte, não se cria, se sedimenta pela experiência continuada, pelo estudo apurado dos vários problemas estéticos da arte em relação a quem se quer transmitir a mesma arte.

3º) — Quais as características exigidas para um teatro nacional?

R.: — Primeiro, que fale a nossa língua. Não compreendo como diretores estrangeiros, mal chegados ao Brasil, sem ao menos um sério período de adaptação, sejam convidados para dirigir textos falados em brasileiro. (E olhe que não acontece sômente no teatro; no cinema também); Segundo, que peças representadas, se não forem brasileiras, como seria de desejar, pelo menos sejam bem escolhidas, traduzidas ou adaptadas; terceiro, que haja um sério trabalho de

pesquisa que aproveite este manancial artístico que é o povo brasileiro.

4º) — Qual a maior deficiência do teatro brasileiro?

R.: — Não ter procurado uma expressão própria, preferindo moldar-se à decadentes escolas de representação.

5º) — Existem bons atores, autores e diretores nacionais?

R.: — Existem, sim, e poderia até citar nomes, vários exemplos, mas para um país de cinquenta milhões são mais do que poucos. Poderia citar...

Não estávamos satisfeitos, mas que fazer? Fomos interrompidos por não nos lembramos quem e a conversa ficou aí. Mas já muito — e bom — tinha sido dito.

XII

Apêndice:

BREVE NOTA SOBRE A REALIZAÇÃO DE UM CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE ESCRITORES.

Enquanto em Goiás se realizava o Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais, escritores portugueses se movimentavam para a realização de um Congresso Luso-Brasileiro de Escritores. Partira a idéia de um artigo de Ramos de Almeida, no "Diário de Lisboa" de 25 de setembro último, e logo encontrou a melhor ressonância entre os meios intelectuais de Portugal. Logo em seguida ao artigo de Ramos de Almeida, João de Barros, em "Adesão Necessária", dava o seu apóio entusiástico à idéia, acompanhado depois pelos nomes mais em evidência da literatura e das artes em Portugal. A revista "VÉRTICE" vem publicando respostas a um inquérito cujo texto é o seguinte:

1º) — Como acolheu a idéia de Ramos de Almeida lançada no "Diário de Lisboa", para a realização de um Congresso Luso-Brasileiro de Escritores?

2º) — Quais as vantagens fundamentais que encontra na efetivação desse Congresso?

3º) — Está disposto a dar a sua adesão a esta iniciativa?

Damos abaixo algumas das respostas, ao mesmo tempo em que dedimos o apóio dos intelectuais brasileiros para esta iniciativa das mais louváveis. Aliás, no telegrama passado por intelectuais portugueses ao Congresso de Goiânia está, ao lado da saudação pela realização do Congresso, o pedido de que os intelectuais brasileiros se interessem pelo Congresso Luso-Brasileiro, "primeira expressão consequente vosso Congresso", conforme bem diz o texto do telegrama.

INQUÉRITO SÔBRE CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE ESCRITORES

Perguntas:

- Como acolheu a idéia lançada no "Diário de Lisboa" por Ramos de Almeida para a realização de um Congresso de Escritores Luso-Brasileiro?
- Quais as vantagens fundamentais que encontra na realização dêsse Congresso?
- Está disposto a dar a sua adesão a êste empreendimento?

Respostas de:

ALEIXO RIBEIRO

1 — A sugestão dum Congresso de escritores luso-brasileiros afigura-se-me uma dessas idéias necessárias mas latentes à espera de quem as lance. Desta vez a honra coube a Ramos de Almeida.

O encontro preconizado, aliás já esboçado em cartas de boa camaradagem transatlânticas, interessa tanto a Portugal como ao Brasil. Porque a finalidade é comum, maior comunhão, e assim expansão da nossa língua, uma das mais dispersas pelo mundo.

Parece-me no entanto, que antes se deveriam realizar congressos preliminares entre escritores brasileiros, por um lado e, pelo outro, portugueses metropolitanos e ultramarinos.

Atravessamos uma época de divergências, como sempre que se operam grandes transformações sociais. Tais divergências atingem as próprias classes profissionais — se assim se pode chamar ao agrupamento dos escritores lusos, mas, no caso em questão, o interesse é uno e indivisível. Além de que transcende o simples interesse da classe.

LUÍS FRANCISCO REBELO

1 — Parece-me digna de todo o aplauso a idéia de escritores portugueses e brasileiros se reunirem para a defesa dos problemas culturais comuns. Num mundo dividido pela incompreensão e pela malquerença, a literatura pode e deve ser um traço de união que irmanee os povos, destrua os antagonismos e contribua para criar uma autêntica fraternidade universal.

2 — As principais vantagens da realização de um tal congresso já atrás as deixo apontadas: estreitar através da literatura e da arte, os laços que unem dois povos — e, assim, cimentar os alicerces do edifício grandioso da paz mundial.

3 — Sem a menor hesitação — e antes com o mais vivo entusiasmo.

MANUEL DO NASCIMENTO

1 — Como havia de colher? Bem, muito bem. Tanto pela idéia como pela pessoa de quem ela partiu. Sinto que ninguém, como Ramos de Almeida, que tanto se tem batido pelo conhecimento dos escritores portugueses dos dois lados do Atlântico, a poderia lançar com mais força das solidariedades.

2 — Todos os escritores tem em tôda a parte problemas comuns e muito mais os que se exprimem na mesma língua. O engrossar do intercâmbio artístico entre as duas nações corresponderá a uma

melhor compreensão dos seus povos. Contactos, defesa de interesses, tudo, será proveitoso.

3 — Do que já afirmei se pode concluir que é com entusiasmo que dou a minha adesão ao congresso de escritores Luso-Brasileiro.

ROGÉRIO DE FREITAS

1 — A idéia de Ramos de Almeida pareceu-me tanto mais para aplaudir e incitar, quanto ela, até na sua realização, devia ser já, para uns e para outros, alguma coisa de... incrivelmente velha.

2 — Um Congresso de Escritores Luso-Brasileiro só pode aproximar-nos, tornando-nos assim mais solidários uns dos outros pela mútua compreensão. É êle ainda, a única maneira de quebrar a distância que nos separa, para uma troca de idéias uteis aos dois países, onde, para além da discussão intelectual e defesa dos direitos inerentes à profissão de escritor, pode ser o veículo ideal para numa utilização de trabalhos em comum, vir pela sua projeção preparar uma vida melhor para a humanidade, na paz, na justiça e na revalorização do indivíduo, integrando-o na realidade dos seus direitos e riquezas que dia a dia mais lhe vem sendo alienados.

3 — Julgo que não deve haver nenhum escritor português ou brasileiro que não aceite cooperar na realização da idéia de Ramos de Almeida.

A. VICENTE CAMPINAS

1 — Com grande entusiasmo. Tal idéia pode ser considerada bastante feliz por todos os que têm uma clara noção do importante papel reservado à literatura.

2 — Várias. Por exemplo: — O estreitamento das relações de amizade e compreensão entre os obreiros intelectuais dos dois países irmãos. E, desde que se sabe que a amizade é o laço fundamental da Paz entre os povos, tudo que trabalha para o fortalecimento dessa amizade, em qualquer latitude, merece o meu inteiro aplauso e esforço.

Interesses comuns nos ligam, nas duas bandas do Atlântico, graças à língua comum. E só num Congresso, em que se possam ventilar tais interesses, se conseguirá encontrar o melhor caminho para a progressiva obra, que aos escritores compete.

O contacto pessoal dos artífices da literatura dos nossos países dará, a breve ou longo prazo, fecundo benefício. E embora, no presente momento, o intercâmbio literário entre muitos escritores dos dois países de língua portuguesa tenha rompido a maré do mútuo desconhecimento, é preciso que, através de tal Congresso, tal maré seja totalmente destruída.

Mesmo preservando o carácter próprio da nossa literatura (e ela não é nem mais, nem menos, que um simples, mas importante, fio da grande meada da Humanidade) devemos lançar-nos na procura de novos elementos que possam facilitar o seu desenvolvimento. E só num Congresso de tal envergadura isso poderá ser tentado; daremos o que temos de melhor, a nossos irmãos brasileiros; receberemos deles outro tanto.

3 — Estou disposto a dar não só a minha adesão a êsse belo empreendimento, como, também, a ajudá-lo incondicionalmente. Tudo que signifique melhor compreensão, estreitamento dos laços de amizade entre os povos, tem, em mim, um fervoroso adepto. E como

creio que é da mutua compreensão entre os povos, do fortalecimento da sua amizade, que a Paz será mantida — estou de alma e coração com tal idéa, e faço votos para que a sua realização seja uma pedra basilar na intensificação do intercâmbio entre escritores brasileiros e portugueses, para bem das nossas Pátrias, pedaços importantes do Universo.

ALEXANDRE CABRAL

1 — Com o maior entusiasmo. Acho que esta idéa corresponde inteiramente a uma necessidade de convívio entre os homens de Letras dos dois países de língua comum, inexistente até agora. Ramos de Almeida que apresentou a sugestão e João Barros que a apoiou pouco depois, bem podem prosseguir, formando uma comissão largamente representativa que estude as possibilidades de concretização de tão belo empreendimento.

2 — A primeira, que não é decerto a menor, representa o conhecimento efetivo e recíproco que pela primeira vez os escritores lusobrasileiros terão oportunidade de estabelecer entre si. Vejo aí o primeiro passo para um autêntico estreitamento de relações, no campo das letras, entre Portugal e Brasil, do qual resultará, sem dúvida um maior prestígio para ambas as Literaturas.

E quantas outras vantagens não poderão surgir de uma assembléa desta natureza? A expansão do Livro, a defesa de interesses e da dignidade do Escritor, etc., etc.

3 — Evidentemente que sim.

ALVES REDOL

Considero-a a mais bela iniciativa tomada em Portugal desde que trabalho nas letras e julgo de um dever para os escritores dos dois países torná-la possível.

É necessário sairmos todos, brasileiros e portugueses, da habitual troca cerimoniosa de cumprimentos para nos encontrarmos finalmente, e discutirmos os nossos problemas culturais, em que avulta no meu entender, mais do que o intercâmbio das edições, e até das idéias, a defesa de uma língua comum que nos incumbe legar ao futuro enriquecida e prestigiada, como um dos mais fortes estelos da independência nacional.

Lançados à tarefa só vantagens surgirão do nosso convívio temos muito que aprender uns com os outros.

Mais do que uma simples adesão dou à iniciativa de Ramos de Almeida o meu apoio entusiástico e modesto.

ANTÔNIO JOSÉ SARAIVA

1 — Parece-me uma idéa excelente, que merece ser levada à prática com entusiasmo e persistência.

2 — Vejo principalmente duas vantagens. A primeira é permitir aos escritores debaterem em comum os seus problemas, saindo do isolamento individual ou em capelinhas que tantos os prejudica na visão justa da realidade e da sua própria função. A segunda é um contacto mais apertado entre escritores brasileiros e portugueses, que têm muitos problemas comuns e podem mutuamente ajudar-se. Pela nossa parte temos muito que aprender com os escritores brasileiros.

3 — Sinceramente.

CARLOS DE OLIVEIRA

1 — Como escritor português nascido no Brasil, aplaudo com dobrado interesse a idéia de um Congresso Luso-Brasileiro de Escritores, que Ramos de Almeida lançou no "Diário de Lisboa".

2 — A primeira grande vantagem de tal Congresso seria a de facilitar um verdadeiro intercâmbio cultural entre os dois países, que só será eficiente e vivo quando os trabalhadores intelectuais de Portugal e do Brasil puderem cimentar êles próprios, em conjunto, os alicerces de uma mais ampla compreensão. Falamos e escrevemos a mesma língua, mas o conhecimento recíproco das duas literaturas — e, através delas, dois povos — não é tão profundo quanto a existência dessa esplendida razão de fraternidade justificaria.

3 — Estou plenamente de acôrdo com a idéia.

FERNANDO NAMORA

Com o aplauso que merecem todas as iniciativas que visem a conferir ao trabalho intelectual uma legitimidade e um crédito que parecem progressivamente arredadas das intenções do ambiente português.

Em primeiro lugar o de se recomendar à atividade literária direitos, problemas e aspirações que justifiquem a realização de um encontro entre as pessoas que a cultivam. Um Congresso pode apresentar uma das manifestações capazes de impressionar o público — marcando-lhe a presença de uma atividade que, por desdenhada que tenha vindo a ser, sob a sufocação das solicitações menores para que as vozes da opinião pública ruidosamente nos conduzem, continuará a definir o gênio de um povo. Seria bom que o público reconhecesse quanto essa atividade tem sido nobre, heróica — e perseverante.

Além disso, a discussão serena, objetiva e desapaixionada de todos os fatores que embarçam ou estimulam a vida literária, reduzindo êsses problemas a resoluções concretas, a que um Congresso dá sempre autoridade, poderá reanimar o nosso panorama intelectual. É bom ter presente esta realidade que nos mancha: o da atividade intelectual do nosso país ter sido nas últimas gerações, uma espécie de "vício secreto" — para me apoiar numa frase de Virgílio Ferreira.

Sem dúvida. Estarei sempre na primeira fila dos que combatem por uma dignificação do labor intelectual nos países de língua portuguesa.

JOSÉ CARDOSO PIRES

Etapas da vida incerta, limitações e passos menos assimiláveis, conduzem muitas vezes a uma difícil explicação do escritor através duma obra. A palavra, o convívio vivo, surgem então como complemento necessário para êsse entendimento e êsse, é para mim um dos grandes objetivos do Encontro de escritores da mesma língua.

As realizações práticas que dêle haviam de surgir redundariam por força num enriquecimento mútuo do patrimônio intelectual criação dum prêmio literário luso-brasileiro, promoção de ciclos de conferências, exposições regulares de livros, novos campos para o desenvolvimento editorial e tantas mais tarefas, poderiam representar de fato um caminho realmente patriótico para o fortalecimento das relações entre Portugal e o Brasil.

O fenômeno português não enferma de atavismos insuperáveis. Neste campo podemos realizar um trabalho de grande mérito se formos na esteira de outros países que se empenham em prezar a Cultura. O Brasil fez já uma obra notável com exhibições da Bienal de S. Paulo e a recente exposição de Arquitetura nas "Belas Artes".

Chegou a nossa vez de darmos também um passo. A idéia de Ramos de Almeida, de que João de Barros fez eco imediato, não pode ser menosprezada. Penso que, muito pelo contrário, é merecedora de todo o acolhimento e digna dum estudo concreto que a leve à pratica. As palavras do diplomata brasileiro Olegário Mariano acerca dum autêntico intercâmbio entre os dois países, mais sublinham a minha certeza de que um Congresso deste tipo será tão calorosamente acolhido pelos escritores do Brasil como parece ter sido entre nós.

JOSÉ GOMES FERREIRA

A idéia lançada por Ramos de Almeida para a realização dum Congresso Luso-Brasileiro de Escritores parece-me excelente e estou disposto a dar-lhe a minha adesão inteira. Adesão que só vale por partir dum homem que sempre considerou inúteis todos os congressos e os respectivos banquetes e piqueniques.

Mas desta vez é exatamente o Convívio que se procura, o convívio pleno com os escritores do milagre da Outra Pátria da mesma língua.

Sim. Saíamos do Poço!

JULIANO QUINTINHA

1 — Parece-me excelente e digna da melhor atenção dos escritores.

2 — Bastantes vantagens: o estudo e tentativa da relação dos problemas que interessam às propagandas, expansão e defesa do livro em Portugal e no Brasil; intercâmbio literário entre os dois países e destes com o Mundo; prestígio do escritor e sua situação económica; tarifas alfandegárias e portais; relações com a Imprensa; irradiação de Bibliotecas escolares, rurais, móveis e fundação da associação dos Escritores Portugueses — que deveria, talvez, anteceder o Congresso.

3 — Da melhor vontade — condicionando, porém, a minha adesão à maneira como lhe darem realização.

MARIA ARCHER

1 — Com o mesmo entusiasmo e aplausos que daria ao projeto duma viagem à Lua. Evidentemente considero que a viagem à Lua não é. Qualquer dessas hipóteses indicadas tenta fortemente a minha imaginação. A ciência contemporânea já dispõe, de técnicas capazes de vencer o céu, havendo, apenas, a resolver em definitivo questões de pormenor, embora de gravidade excepcional. Tal qual como para esse Congresso tão simpático atraente e sugestivo.

2 — Ser realizado em Lisboa e a Imprensa portuguesa relatar, na íntegra, e todos os dias, os seus debates e conclusões.

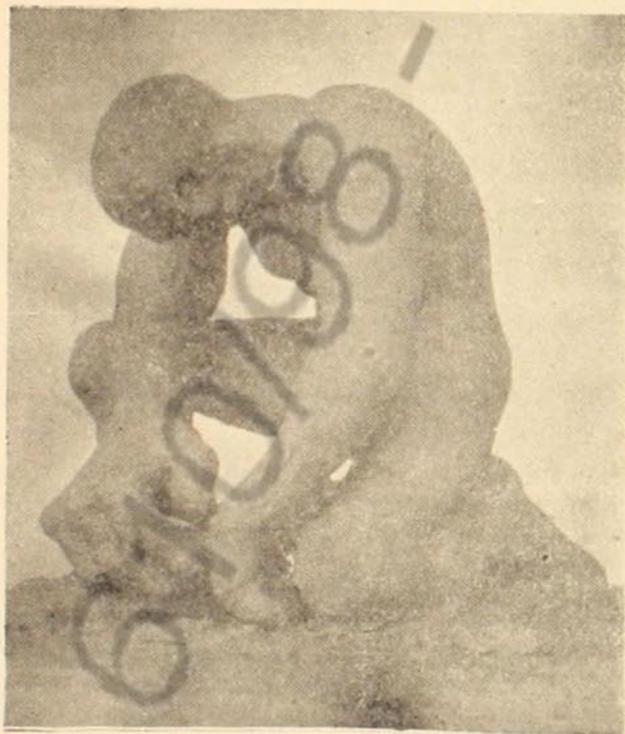
3 — Gostosamente. Ainda me não saturei de ilusões.

PATRÍCIA JOYCE

1 — A bem dizer, não cheguei a acolhe-la: julguei-me em frente de uma dessas idéias magníficas, destinadas a não passarem de idéias.

2 — A afirmação de que por cá e por lá, há escritores dignos dêsse nome, empenhados no interêsse de uma mesma Língua e de uma mesma cultura.

3 — Inteiramente. Oxalá pudesse ser de algum valor a minha contribuição.



TERRA — escultura de N. Delgado

NOTAS & COMENTÁRIOS:

MOVIMENTO LITERÁRIO

María de Lourdes Teixeira

Os contos de Guido Wilmar Sassi

A revista "SUL", de Florianópolis, atua como instrumento e veículo se não de uma geração, pelo menos de um grupo operoso. Suas edições e cadernos já nos deram quatro livros de contos, três de poesia e um de ensaio. O grupo tem o seu mito — a figura prematuramente desaparecida de Antônio Paladino, autor de "A PONTE". Aos nomes de Salim Miguel, Walmor Cardoso da Silva, Anibal Nunes Pires e Eglê Maiheiros se junta agora o de Guido Wilmar Sassi, para cujo livro de contos — PIA — chamamos a atenção dos leitores.

É raro sair uma obra de tal gênero, com qualidades tão características de técnica e sensibilidade. Flutuando poeticamente na aura da realidade prosaica, os personagens, principalmente as crianças, perpassam por um mundo local e típico, a que os diálogos dão um realismo impregnado de sofrimento, miséria, contingência humana e condição de vida rotineira.

O autor não se serve do conto como síntese direta de um fato acontecido e comentado de maneira a emocionar literariamente. Não intervem nunca. Apenas dirige cada conto dentro do clima próprio, com expressões idiomáticas, insubstituíveis, apresentando talhadas da vida e da terra, da época e do meio. Como técnica, esses contos, principalmente "O CARRO", "A CERCA", e "MUDANÇA", lembrariam por mera analogia de trato e de apresentação, as soluções ora de um Sherwood Anderson, ora de uma Dorothy Parker. Visão direta e imediata da vida humilde, aliás exatos quase todos, principalmente os infantis, o livro adquire uma força emotiva, poética, de comisseração e convivência que no conto brasileiro só vimos, por enquanto, em Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Enéas Ferraz. Não que subestimemos outros grandes mestres do conto nacional. Mas nesses é que vemos a ascendência do sentimento poético, de misericórdia quase paternal,

na maneira de Guido Wilmar Sassi criar e apresentar pequeninos personagens.

Assim, Guido Wilmar Sassi, sem dúvida já agora um dos grandes contistas brasileiros, trabalha em técnica dupla: prepara e arma o chão da mais estrita realidade, que o diálogo vinca como cômico e como linha; depois transfigura esse realismo em poesia, como certos ases de gravura que iluminam com halos de luz os desvãos sombrios de suas obras.

PIA é um livro que — se aparece no título sob o signo de Mário de Andrade por seu conteúdo humano lembra a maneira de Graciliano e se serve, como Enéas Ferraz, da ascense poética transfigurando pão e vinho em carne e sangue.

(In "Folha da Manhã", São Paulo, 19/3/1954).

DEVI TUSZINSKI

(De una exposición en París).

Todos tenemos un sueño.

Un pequeño sueño que se escuda en medio de la vida.

Alguma vez el sueño coincide con la vida, con una calle, con una ciudad, un espacio o una soledad que nos conmueve.

¿Quien no ha figurado el amor en medio de una aldea, en el invierno, cuando la lluvia exagera las intimidades?

Y quien no lo ha forjado saliendo de una casa lejana en un país donde las voces son distintas y solo se reconoce aquella que llega al corazón?

Yo voy a decirles que también alguna vez defiende el sueño.

Y veo pequeñas calles temblorosas que me recogen tíbilmente; y una mesa con bujías que adelantan la fantasía; y pájaros y rostros en marcos antiguos; y una pila en el centro de una plaza que ya conozco sin verla y un campanario que es casi pájaro a fuerza de tocar el azul y cantar constantemente.

Pero he aquí que en estos días mi sueño ha tenido su representación. Una representación discreta y secreta como corresponde a lo que está mas allá de estas manos inmediatas y de las avenidas gritadas de vacinas.

Un pintor lo ha dado realidad; Devl Tuszinski.

Miniaturista, tiene una modalidad que vale igual que una confidência. Que no es el cuadro pequeno de certa medida, si no la pequena obra maestra que se expresa así porque quien la entrega tiene desbordando grandes aventuras que ya se centraron en la sangre y valles como un secreto.

Devl, da su mundo. El que no cuenta cuando sonríe constantemente. El que guarda con un pudor de niño y un recuerdo de ancianidad. Y aquí se manifiesta.

Algo de cuento me viene en estas presencias. Un largo cuento infantil desatrolado en imágenes que tiene exencas de lobos, de duendes, de flores, de paisanos, de transfiguraciones.

El mismo es quien lo cuenta, fantástico y anorante, y el mismo es quien lo oye, niño asombrado del prodigio. Ahí, su ancianidad y la infancia de este hombre de treinta años.

Les deixo este nombre que ahora clarea en París, en una exposición de pequenas, grandes obras, como dijo el crítico de "Arte".

Blanca Terra Viera

París, 1954.

CARTA

Além dos frequentes artigos, inúmeras tem sido as cartas recebidas pelo ensaísta Nereu Corrêa, por motivo do lançamento do seu livro de estréla "TEMAS DO NOSSO TEMPO", sendo que, dentre elas, escolhemos para divulgação neste número a de Moisés Vellinho, conhecido escritor e diretor da revista PROVINCIA DE SÃO PEDRO. Oportunamente teremos ocasião de divulgar novas cartas. N. da R.

Pôrto Alegre, 15 de fevereiro de 1954.

Meu caro Nereu Corrêa,

Só agora pude atacar como desejava a leitura de seus ensaios, reunidos sob o título de "Temas de Nosso Tempo". Ainda não li todas as páginas novas para mim, nem reli todas as que já conhecia antes, mas o que vi é suficiente para reafirmar o alto conceito que faço de seu espirito e de sua cultura. Gosto de sua maneira tranquila e ordenada de desdobrar seu pensamento crítico. Capitulo que diz melhor do que qualquer outro do fundo orgânico de sua formação é o que intitula-

lou de "Língua Brasileira". Estou inteiramente de acôrdo com V. Penso mesmo que nós os brasileiros só temos um meio de nos entendermos uns aos outros, por cima dos modismos regionais, e esse meio é forçosamente o recurso aos padrões básicos do idioma. Fora daí podemos cair no calpirismo inviável do "Macunaima". A meu ver, V. colocou o problema em termos muito claros e justos. Suas observações sobre a poesia dos modernistas também encontraram em meu espirito a melhor ressonância. Aceito integralmente as reservas que V. opõe aos equívocos que tanto têm contribuído para a inevitável impopularidade dos novos mestres. Onde me parece que não lhe assiste inteira razão é na tese sobre o Ruy, pelo menos na parte em que V. procura colocar o artista, que de certo modo ele foi, acima do político. Veja bem o que representou, na primeira República, a presença enorme do grande batalhador, e o que continua representando para quantos buscam um ponto de fixação e resistência democrática neste mar desmanchado, quase infecto, de temores, conspirações e acomodações. Mas, não é aqui o lugar para debater este assunto, por mais fascinante que seja. Quem sabe se algum dia eu não voltarei a ele.

Fico-lhe muito reconhecido por haver incluído entre seus belos ensaios o trabalho com que quis honrar as minhas "Letras da Província". Mesmo descontado o que ali existe de pura generosidade, ainda assim o que fica — seu gesto de simpatia e aguda compreensão — é suficiente para me encher de estimulante desvanecimento. Quando V. atingir a meia idade, saberá o que significa o aplauso dos moços.

A nossa "Província de São Pedro", embora impontual como sempre, continua saindo. Sai quando pode, mas sai. Antes assim... De sorte que eu renovo o meu pedido de novas colaborações suas. O n. 19 já está no prelo. Mande-me então qualquer coisa para o seguinte. Se não é pedir demais, peço-lhe ainda que me consiga a colaboração de algum ou alguns dos novos valores de Santa Catarina. A seleção fica inteiramente a seu cargo.

Sem mais por hoje, receba um afetuoso abraço de seu amigo e admirador muito sincero.

MOYSÉS VELLINHO

PABLO NERUDA FAZ CINCOENTA ANOS

10 de junho, dia de festa. Festa no Chile, festa nas Américas, festa no coração dos que amam a poesia e no coração dos que lutam pela paz; dia de festa no mundo.

O poeta completa 50 anos de uma existência toda ela dedicada à vida, à poesia, e aos homens. Em nenhuma fase de sua obra Pablo Neruda desprezou a humanidade e virou o rosto a suas dores e alegrias. Verdade que do Neruda dos vinte anos ao Neruda de hoje, que quer ser cada vez mais acessível, mais simples, houve um grande, e por vezes áspero trajeto. Caminho que mais ainda valoriza sua obra e o enobrece como homem.

Neruda aí está, o Neruda que não se dobra, o Neruda que sofre o exílio, o Neruda que volta à Pátria graças à luta ingente de seu povo, o Neruda que combate a guerra, o Neruda amigo do Brasil. De qualquer ângulo que o olhemos é sempre o grande poeta e o intelectual participante e atuante, que sabe de sua grande responsabilidade perante seu povo e o de todo mundo.

É nobre, comovente e belo o seu canto, pois "Este es el canto del día que nasce y de la noche que termina".

E. M.

TEMPO DO SILÊNCIO

Vem de Portugal êsse livro, do Portugal cujo povo luta contra a condição em que vive e combate em defesa da paz. E como não podia deixar de ser, já que José Ferreira Monte é honesto, é jovem e confia nos homens e no futuro, nas páginas de seu livro estão lado a lado a revolta e a resistência à escravidão, ao par da grande certeza de que os homens nascem e serão livres e de que a paz é bem que por todos nós será conquistado.

Por vezes o símbolo é quase obscuro, a imagem difícil, o que atribuímos à necessidade de dizer sem que a censura risque. Esta mesma observação pode ser feita em outros poetas lusos, e o perigo que tal fato encerra é de que, sem querer, isso se torne um modismo. Não é êsse porém o maior dos males que assola o intelectual português, desde que honesto; pressão e dificuldades de toda ordem, inclusive o exílio, por vezes voluntário.

E como são belas as "Cartas para um Amigo em Paris" (1ª parte do livro), para um amigo exilado, para o qual dar "Bom dia" é um ato de coragem. E o Poeta lhe grita "Bom dia!". É a dura vida dos que não podem nem sonhar livremente, o viver dos que apesar de tudo sonham e constroem um mundo melhor, que nós vemos nas "Cartas". Nelas nós lemos: "...Que eu canto também, lutando. No tempo do silêncio".

A segunda parte do livro se intitula "As Vozes e a Paz"; é uma série de sonetos, de grande beleza (embora como melhor equilíbrio de forma e conteúdo prefira a 1ª parte), em que a certa altura o Autor pergunta se seus versos — Não são, em si, já um passo,

ou uma praga que insiste
e cala as metralhadoras?..."

Realmente, os versos de José Ferreira Monte são os versos do que luta e espera, do que ama e defende a Paz. E, o que mais nós entusiasma ainda, sua voz não é sózinha em Portugal, como não é sózinha no mundo, pois todo homem honesto, seja artista ou letrado, com ela faz coro. E, veja o A., não é o tempo do silêncio, é o tempo em que as vozes que os carrascos e os canhões querem silenciar, se erguem em clamor e em hino triunfal.

E. M.

ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES PORTUGUESES

Notícias de Portugal nos dão conta dos primeiros passos para a organização da Associação de Escritores Portugueses. Só temos que louvar a idéia e ficar torcendo para que tudo dê certo e que a mesma se ponha a agir o mais rapidamente possível. Nesta nossa época, mais do que nunca, é necessária e imprescindível a união de todos. Foi certamente compreendendo isto que os escritores portugueses procuraram se congregar, discutir seus problemas e encontrar solução para os mesmos.

Nomes dos mais representativos já deram sua adesão à sociedade, ao mesmo tempo em que foi proposta e aceita por aclamação uma comissão organizadora que ficou assim constituída: Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Joaquim Paço

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

REVISTAS:

Jornal — Magazine da Mulher — Ano III — n. 30 (agosto 53), n. 37 (março 54) — Lisboa — Portugal.

Boletim Foto-Cine — Foto-Cine Clube Bandeirante — Ano VIII — ns. 85, 86 e 87 — São Paulo.

Investigações — Revista do Departamento de Investigações de São Paulo — Ano V — ns. 47 (jan. e fev. 53), 48 (março e abril), 49 (maio e junho) — São Paulo.

Jandaia — O Jornal Literário do Paraná — Ano II — n. 11 (dez 53) — Ano III — n. 12 (abril 54) — Curitiba — Paraná.

Boletim de Musica y Artes Visuales — União Pan-Americana — ns. 41 (julho), 42/43 (agosto e set.), 44 (out. 53) — Washington D. C. — USA.

Alavanca — Órgão Defensor dos Trabalhadores Gráficos — Ano II — n. 16 (dezembro de 53) — Florianópolis — Santa Catarina.

Novo Mundo — Órgão da Associação de Intercâmbio Cultural — Ano VIII — ns. 95 (março e abril de 53), 96 (maio de 53), 97 a 99 (junho a agosto de 53) — Guiratinga — Mato Grosso.

Estudos — Revista Trimestral de Filosofia e Cultura da Associação de Professores Católicos do Rio Grande do Sul — Ano XIII — fascículo 50 — n. 4 — 1953 — Ano XIV — fascículo 51 — n. 1 (jan. a março de 54) — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Revue de la Politique Mondiale — Ano IV — ns. 20 (nov.), 23 (dez.), 24 (dez.) — Ano V — ns. 94 (5) (março 54), 95 (6) (março 54) — Belgrado — Iugoslávia.

Jornal de Letras — Ano VI — ns. 57 (março), 58 (abril de 54) — Rio de Janeiro.

Itinerário — Publicação mensal de letras, arte, ciência e crítica — Ano XIII — ns. 134 (set. 53 a jan. 54), 135 (fev. e março 54) — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.

Visor — Revista Portuguesa de Cine-

D'Arcos, Luiz de Oliveira Guimarães, Câmara Reis, Assim Esperança, Adelaide Felix, Padre Diniz da Luz, Antônio Quadros, Maria da Graça Azambuja, Leão Penedo e Alexandre Cabral.

matografia — Ano I — ns. 9 (jan.), 10 (fev. 54) — Rio Maior — Portugal.

Sisifo — fascículo de poesia e de crítica — 2-3-1951 — Coimbra — Portugal.

Agora — Cuadernos de poesia — Director: Rafael Millán — ns. 27 (nov. 53), 28 (jan.), 29 (março 54) — Madrid — Espanha.

Actualidades — Ano I — 2ª série — ns. 1 (nov.), 2 (dez. 53), 4 (fev. março 54), Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.

Boletim Informativo do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz — n. 56 — março de 54 — Rio de Janeiro.

Revista da Guaira — Ano VI — n. 55 — fev. e março de 54 — Curitiba — Paraná.

Bando — Órgão da Casa Euclides da Cunha — Ano V — Vol. III — n. 4 — 1953 — Natal — Rio Grande do Norte.

Viajem — Revista de Turismo, Divulgação e Cultura — Ano XV — ns. 158 (dez. 53), 159 (jan.), 160 (fev.), 161 (março) e 162 (abril 54) — Lisboa — Portugal.

Programas do Clube Português de Cinematografia — Cine-Clube do Pôrto — ns. 149 a 161 e ns. 20, 21 e 24 a 26 (infantil) — outubro a fevereiro de 1954 — Pôrto — Portugal.

Jornal de Combate — Ano X — ns. 125 (março), 134 (abril) e 142 (abril 54) — Barra Mansa — Estado do Rio.

Resurge, Gôa! — Órgão Nacionalista Independente do Povo Goês — Ano III — 4ª. série — ns. 76 (nov.), 77 (nov.), 79 (dez. 53), 80 (jan.), 81 (jan.), 82 (fev.), 83 (fev.) e 84 (março 54) — Bombaim — Índia.

Letras Fluminenses — Ano III — n. 10 — novembro 53 — Niterói — Estado do Rio.

Elipse poemas — Publicação trimestral — Ano I — n. 2 (nov. 53 a jan. 54), n. 3 (outono 54) — Venado Tuerto — Argentina.

A batalha — Diário Democrático Independente — Ano VI — ns. 713, 721 a 736 (abril), 740 a 742 (maio de 54) — Belo Horizonte — Minas Gerais.

Papel de Poesia — Publicado por Artigos Millán Martínez — n. 4 (dez. 53), 7 (março 54) — Salto — Uruguay.

Elo — Tentativa de Novos — Ano VI — n. 34 — abril de 53 — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.

Boletim Bibliográfico Brasileiro — Publicação trimestral sob os auspícios do Sindicato Nacional das Empresas Editoras de Livros e Publicações Culturais — Vol. II — n. 1 — jan. fev. 54 — Rio de Janeiro.

O Cooperador — Periódico de Difusão Cultural e Cooperativista — Ano V — ns. 1 (jan.), 2 (fev. 54) — Rio de Janeiro.

Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura — Revista bimestral — ns. 4 (jan.-fev.), 5 (março-abril), 6 (maio-junho 54) — Paris França.

Gazeta de Atibáia — Ano VIII — ns. 424 e 425 — abril de 54 — Atibáia — São Paulo.

Universidad de Antioquia — ns. 110 (jan. fev.), 111 (março-abril-maio, 112 (junho)), 113 (julho agosto, setembro), 114 (out. nov. dez. de 53) — Medellín — Colômbia.

Índice Cultural — Revista Mensual de Arte, Literatura e Bibliografia — Ano II — ns. 15 (dez. 53), 17 (fev. 54) — Bogotá — Colômbia.

The Hudson Review — Vol. VII — n. 1 — Spring 1954 — New York — N. Y. USA.

Serviço de Informação Panamericana — boletim de março de 54 — New York — N. Y. — USA.

Arte — Publicação da Associação Brasileira de Desenho — Vol. III — n. 4 — julho a dezembro de 53 — Rio de Janeiro.

Vértice — revista de cultura e arte — vol. XIV — n. 124, 125 e 126 — janeiro, fevereiro e março de 1954 — Coimbra — Portugal.

Livros:

O Sistema Interamericano — Agenda da 10ª. Conferência Interamericana — Publicação da União Panamericana — Washington D. C. — USA — 1954.

A 10ª. Conferência Interamericana — Publicação da União Panamericana — Washington D. C. — USA — 1954.

Ronda Feminina de America — poemas — Antologia de poetisas americanas organizada por Etelvina Villanueva y Saavedra — La Paz — Bolívia — 1953.

Cinco Anos Após — A resolução do Cominform contra a Iugoslávia — Edvard Kardelj — Serviço Iugoslavo de Informações — Rio de Janeiro — 1953.

22 Años de Labor (1930-1952) — Comisión Chilena de Cooperación Intelectual — Editorial Universitaria, S. A. — Santiago — Chile — 1953.

A Glória de Saraiva — discurso — Clidonor de Freitas Santos — Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — 1953.

Sinopse Preliminar do Censo Industrial — Recenseamento Geral do Brasil — Serviço Nacional de Recenseamento — Serviço Gráfico do I. B. G. E. — Rio de Janeiro — 1953.

Censo Demográfico — Conselho Nacional de Estatística — Serviço Nacional de Recenseamento — (Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Goiás, Alagoas, Piauí, Mato Grosso, Maranhão, Territórios Federais, Amazonas, Paraná) — Serviço Gráfico do I. B. G. E. — Rio de Janeiro — 1952-1953.

Sinopse Estatística de Municípios do Estado de Santa Catarina — Conselho Nacional de Estatística (Brusque, Criciúma, Joinville, Blumenau, Itajaí, Biguaçu, Rio do Sul, Urussanga, Itaipópolis, Camboriú, Ibirama, Indaial, Lajes, Tijucas, Rodéio, Jocaaba, Palhoça, Jaguaruna, Mafra, Gaspar, Campos Novos, Bom Retiro, Nova Trento, Araranguá, Caçador, São Joaquim, Tubarão, Serra Alta, Timbó, Campo Alegre, São Francisco do Sul, Curitibaanos, Canoinhas, Concórdia, Videira, Pôrto União, Pôrto Belo, Araquari, Oriéães, Jaraguá do Sul, São José, Laguna, Imaruê) — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — I. B. G. E. — Rio de Janeiro — 1948.

A Raiz e o Vento — romance — Leão Penedo — Realizações Artis Limitada — Lisboa — Portugal — 1954.

O Dia de Marcos — novela — Dalton Trevisan — Curitiba — Paraná — 1953.

Crônicas da Província de Curitiba — Dalton Trevisan — Curitiba — Paraná — 1953.

Sol Perpendicular — versos em prosa — Arnaldo Brandão — Editora Gráfica Laemmert Ltda. — Rio de Janeiro — 1953.

Papoula dos Sete Reinos — poesia — Ruy Apocalypse — Editora Piratininga — São Paulo — 1954.

Terra Lavrada — contos — Manuel Amaral — edição do autor — Tip. Flor do Tâmega — Amarante — Portugal — 1953.

A Vida nos Braços — contos — Paulo Hecker Filho — Coleção Novela — Edições Hiperion — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — 1954.

Trece Artículos del "Diccionario Filológico" de la U. R. S. S. — suplemento de la Revista "Cuadernos" — Paris — França — 1954.

Sombras do Oraso — versos — Rosário Congro — Ed. da Livraria Rui Barbosa — Culabá — Mato Grosso — 1953.

Flagelo — romance — Armino Pereira — Coleção Romances Brasileiros — 1 — Edição da "Organização Simões" — Rio de Janeiro — 1954.

Além da Palavra — poemas — Dulce G. Carneiro — Cadernos do Clube de Poesia — São Paulo — 1953.

Cantos de Lúcifer — Alcides Pinto — Irmões Pongetti Editores — Rio, 1954.

Palhita o Toiro — fábula para adolescentes contada por Fernando Correia da Silva e ilustrada por Antonio Domingues — Lisboa.

Contistas novos de Santa Catarina — volume organizado por Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e Sallim Miguel; introdução de Nereu Correa; ilustrações de artistas plásticos catarinenses — Edições "Sul" — V — Florianópolis, 1954.

La realidade portuguesa y La política dictatorial — S. Linofre — Montevideo, 1953.

Pastoral — poemas — Ruth Sylvia de Miranda Salles — Cadernos do Clube de Poesia — São Paulo — 1954.

NOVOS PRÊMIOS LITERÁRIOS INSTITUIDOS PELO SALÃO DE LETRAS E ARTES "CARMEN DOLORES BARBOSA"

Regulamento dos prêmios trienais para obras inéditas intitulos "Mário de Andrade" (poesia), "Monteiro Lobato" (novelas e contos) e "Teresa Margarida da Silva e Horta" (romance) — Os prazos e as comissões

Como contribuição para as festividades do Quarto Centenário de Fundação de São Paulo e prestando homenagem ao poeta Mário de Andrade, ao contista Monteiro Lobato e a Teresa Margarida da Silva e Horta, o primeiro autor brasileiro de romance, todos os três nascidos em São Paulo, o Salão de Letras e Artes

"Carmen Dolores Barbosa", por sua fundadora, a sra. Carmen Dolores Barbosa, declara instituidos os seguintes prêmios trienais:

a) Prêmio "Mário de Andrade", para poesia inédita;

b) Prêmio "Monteiro Lobato", para novelas e contos inéditos; e

c) Prêmio "Teresa Margarida da Silva e Horta", para romance inédito.

Os prêmios mencionados serão distribuídos segundo as condições estabelecidas pelo regulamento abaixo:

I — O Prêmio "Mário de Andrade" (poesia) será outorgado cada três anos, a partir do corrente ano de 1954; o Prêmio "Monteiro Lobato" (novelas e contos), por sua vez, será outorgado cada três anos, a partir de 1955; e, finalmente, o Prêmio "Teresa Margarida da Silva e Horta" (romance) será outorgado cada três anos, a partir de 1956. Assim, o prazo para o recebimento de originais concorrentes ao Prêmio "Mário de Andrade" será encerrado a 30 de setembro de 1954; o prazo para recebimento de originais e concorrentes ao Prêmio "Monteiro Lobato" será encerrado a 30 de setembro de 1955; e, por fim, o prazo para recebimento de originais concorrentes ao Prêmio "Teresa Margarida da Silva e Horta" será encerrado a 30 de setembro de 1956. A divulgação das condições destes dois últimos prêmios com grande antecedência, visa dar tempo, desde já, aos pretendentes para elaborarem suas obras.

II — Aos prêmios "Mário de Andrade", "Monteiro Lobato" e "Teresa Margarida da Silva e Horta" concorrem obras inéditas, escritas originalmente em língua portuguesa, de autores brasileiros residentes no país ou no Exterior, ou de autores estrangeiros radicados no Brasil, em ambos os casos sem distinção de sexo, idade ou convicções políticas ou religiosas.

III — Para concorrer a cada um dos três prêmios é necessária apenas a remessa de três exemplares da obra, dactilografados com dois espaços, não havendo exigência de tema nem de número de versos. No caso do Prêmio "Mário de Andrade", a obra poderá consistir em uma coletânea de poemas ou em um só poema, em ambos os casos com um mínimo de trezentos versos. E no caso do Prê-

mio "Monteiro Lobato", poderá a obra ser constituída de novelas e contos, ou só de novelas, ou ainda só de contos.

IV — É facultativo o uso de pseudônimo. Neste caso, a obra deverá vir acompanhada de identificação do autor em envelope cerrado, que só será aberto se obtiver o prêmio. Não será levantado o sigilo sobre os demais pseudônimos.

V — A cada um dos três prêmios agora instituídos corresponderá a quantia, único e indivisível, de Cr\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros).

VI — Cada comissão julgadora distinguirá a obra que lhe parecer mais digna do prêmio, podendo deixar de conferi-lo se julgar que nenhum dos trabalhos concorrentes mereça a laurea. As deliberações de todas as três comissões serão sempre secretas, as decisões tomadas por maioria de votos, e o veredito subscrito por todos os membros, unanimemente, não cabendo recurso.

VII — Os membros das comissões julgadoras das três comissões julgadoras não poderão concorrer a nenhum dos prêmios aqui estabelecidos.

VIII — O veredito das comissões julgadoras, em todos os casos, será conhecido no Salão, na terceira quinta-feira do mês de janeiro posterior ao ano cujas obras estiverem em julgamento. Marcar-se-á então a data da entrega solene do prêmio. (No caso do Prêmio "Mário de Andrade", cujas inscrições já estão abertas e serão encerradas a 30 de setembro deste mesmo ano, o veredito será conhe-

cido na quinta-feira dia 20 de janeiro de 1955).

IX — Para o julgamento das obras concorrentes a cada um dos três prêmios, a fundadora nomeia, em caráter permanente, as comissões abaixo:

a) Prêmio "Mário de Andrade" (poesia) — Maria Antônio Campos Sales Franchini Neto, Cassiano Ricardo, José Geraldo Vieira, Antônio Cândido de Melo e Souza, Osmar Pimentel, João Accioli, Edgard Braga, Fernando Góes e Joaquim Pinto Nazário.

b) Prêmio "Monteiro Lobato" (novelas e contos) — Maria de Lourdes Teixeira, Oscar Mendes, Livio Xavier, Ernani Silva Bruno, Almiro Rolmes, Ruggero Jacobbi, Alcântara Silveira e Cassiano Nunes.

c) Prêmio "Teresa Margarida da Silva e Horta" (romance) — Raquel de Queiroz, Oswald de Andrade, Sergio Buarque de Holanda, Mário Donato, Ruy Bloem, Abguar Bastos, Eduardo Bizzarri, Lourival Gomes Machado e Luis Martins.

X — As comissões julgadoras dos três prêmios têm sua sede natural no Salão de Letras e Artes "Carmen Dolores Barbosa", à rua General Jardim, 51, 3º andar, São Paulo, Brasil, para onde deverá ser endereçada qualquer correspondência, bem como as obras cujos autores queiram que sejam submetidas a julgamento. Também nesse endereço poderão ser retiradas as obras dos concorrentes, após o veredito de cada comissão julgadora.

"Sul" encontra-se à venda:

NO RIO

Livraria José Olímpio
Rua do Ouvidor, 110
Livros de Portugal
R. Gonçalves Dias
Livros Franceses
Avenida Presidente Antônio Carlos, 53.

EM SÃO PAULO

Agência Bandeirante — Rua Timbiras, 607.
Agência Eclética — R. Líbero Badaró, 92.
Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.

EM JOÃO PESSÓA

Agência Distribuidora de Publicações, R. Duque de Caxias, 331.

NO RECIFE

Livraria Editora Nacional
EM PORTO ALEGRE
Livraria Miscelânea, Praça da Afândega, 38.

EM BUENOS AIRES

Libreria General de Tomás Pardo S. R. L. — Maipu, 618.
EM PORTUGAL (Lisboa)
Sucursal do "Diário de Notícias" — Rossio, 11 — Pina, Livresiros — Praça de Londres, 5 A.

EM FLORIANÓPOLIS

Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.
Livraria Líder — Rua Tenente Silveira, 35.
Livraria Anita Garibaldi R. Felipe Schmidt, 5.

Para conhecer o movimento literário dos novos autores de Santa Catarina, adquira não só a revista "Sul", mas também as "Edições" e "Cadernos" SUL:

Já foram publicados:

Edições "SUL"

- I — **Velhice e outros contos** — de Salim Miguel
- II — **A Ponte** (prosa e verso) — de Antônio Paladino
- III — **Alguma Gente** — histórias — de Salim Miguel
- IV — **Piá** — contos de Guido Wilmar Sassi
- V — **Contistas Novos de Santa Catarina** — organizado por Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e Salim Miguel — Introdução de Nereu Correa — Ilustrado por artistas plásticos catarinenses

Cadernos "SUL"

- I — **Idade 21** — poemas de Walmor Cardoso da Silva
- II — **Manhã** — poemas de Eglê Malheiros
- III — **A Morte de Damião** — farsa em um ato — Ody Fraga
Dentro de breve, nas Edições "SUL":
- VI — **Alguns Aspectos da Literatura Catarinense** — Osvaldo Ferreira de Melo (filho)
- VII — **Provincia** — contos de Silveira de Sousa
- VIII — **Rede** — romance de Salim Miguel

Nos Cadernos "SUL"

- IV — **Ensaio Geral** — ensaios de teatro — Ody Fraga
- V — **Terra Fraca** — poemas de Anibal Nunes Pires
- VI — **Poemas** — de Walmor Cardoso da Silva

DR. GUERREIRO DA FONSECA

OLHOS — OUVIDOS — NARIZ e GARGANTA
Especialista efetivo do Hospital — Tratamento e operações.
— Receita para uso de óculos — Raio X — Radiografia
da cabeça.

Consultório: Visconde de Ouro Preto n. 2
(altos da Casa Belo Horizonte)

Residência: Felipe Schmidt n. 101. — Telefone n. 1.560.

Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas)
consultório

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia
Rua Felipe Schmidt, 3 — Florianópolis

LIVRARIA MODERNA DE PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de
escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt — Florianópolis

PIRELI S. A.

LAPIS JOHANN FABER LTDA.
REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER

Caixa Postal 84 — Tel. 3773

Florianópolis — Sta. Catarina

DR. VIDAL

CLÍNICA DE CRIANÇAS

CONSULTÓRIO: — R. FELIPE SCHMIDT, 38

CONSULTAS DAS 16 AS 18 (4 AS 6) HORAS

RESIDÊNCIA: — CRISPIM MIRA, 25 — FONE 3165

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.

Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

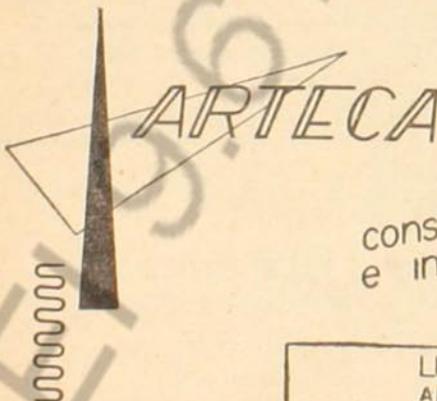
DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência: R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16
Fone M. 732

Consultório:
Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS



construtora
e imobiliária

LUIZ EDUARDO SANTOS
ARQUITETO RESPONSÁVEL
R. VISC. OURO PRETO, 81-FPOLIS

CASA YOLANDA

Matriz
Trajano, 2

Filial
Felipe Schmidt, 2

Florianópolis — Santa Catarina

**COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"**

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadradinhos — resserrados aparelhados — fôrro
paulista — Aplainados.

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente

Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

L I V R A R I A L I D E R
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

Drs. Fúlvio Luiz Vieira e Nilton José Cherem

ADVOGADOS

Causas cíveis, criminais, comerciais e trabalhistas.

Escritório: Rua Jerônimo Coelho, 16 — Fpolis.

COCIMA

Construções, Comércio e Indústria de Madeiras

Construções, projetos loteamentos, etc.

• Madeiras brutas e

beneficiadas

Fábricas de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge — Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

CURSO BOSCO

(Registrado no Departamento de Educação)

Com equipe de professores especializados.

Artigo 91

Aulas Noturnas

Informações e Matrícula na

LIVRARIA LIDER (ex-Livraria Rosa) à R. Tte. Silveira, 35

(Edifício Patheron)

LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA.

(Livros, jornais, revistas)

A melhor seleção de obras;
aceita qualquer encomenda de
livros nacionais ou estrangeiros;
atende pelo reembolso postal.

Distribuição de publicações francesas tais como “**Architecture d’aujourd’hui**”, “**C. de Cinema**”, “**Paris Match**”, “**Semaine du monde**”, revistas de modas, etc. recebidas através da **Librairie Hachette S. A. do Brasil**; revistas italianas tais como **L’Europeo**, **Tempo**, **Epoca**, **Oggi**, e muitas outras, recebidas através da **Livraria Avenida Ltda.**

Sempre as últimas novidades em livros e publicações nacionais e estrangeiras.

Distribuição exclusiva, para o Estado, do livro:

REVELAÇÕES de um MÉDICO do Dr. Cesar Ávila

Faça sua encomenda com antecedência.

Rua Felipe Schmidt, 5 (ali bem num dos pontos mais centrais da capital, junto ao café Rio Branco) — Caixa Postal, 358

Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

*...êles eram apenas
donos do orvalho...*

DONOS

DO

ORVALHO

de Jacques Roumain

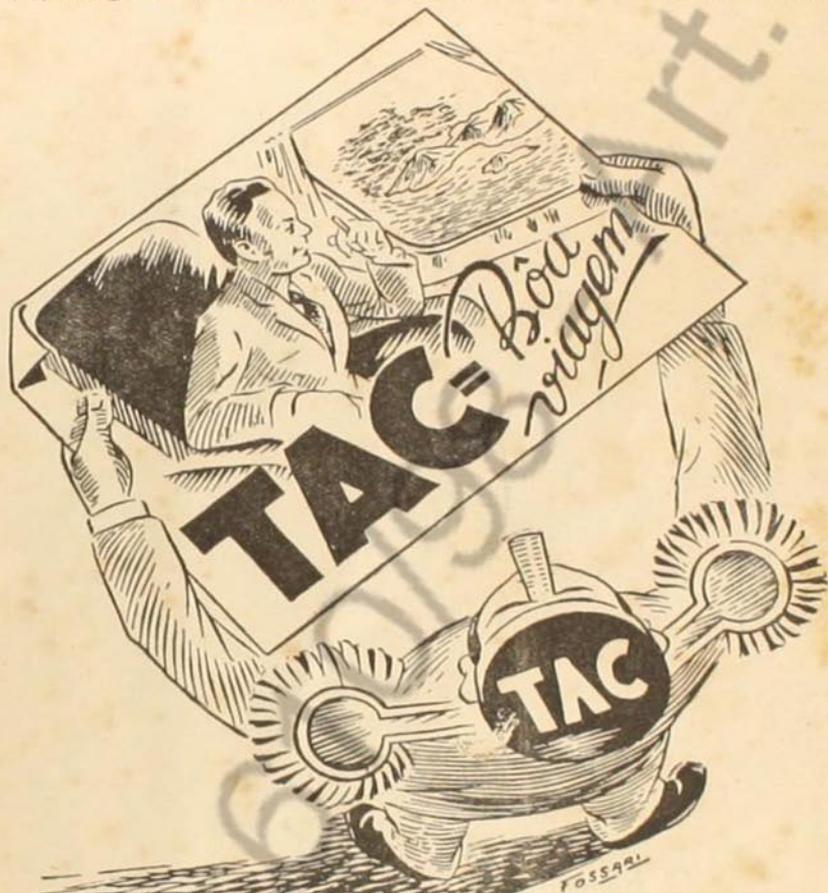


Um romance que é uma mensagem poética
contra as injustiças sociais.

Coleção ROMANCES DO POVO

Em tôdas as livrarias

TRANSPORTES AÉREOS CATARINENSE S/A



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL
AV. RIO BRANCO, 128 - LOJA - TEL 426060

S U M A R I O

- Lição de Neruda** Anibal Nunes Pires
- Introdução** (aos "Contistas novos de S. Catarina") Nereu Corrêa
- Apontamentos:** S. M.
- I — Uma estréia importante: — Piá
 - II — Antón Chejov
 - III — Memórias de um sargento de milícias
- Os filmes carnavalescos** Glauco Rodrigues Corrêa
- Ainda "Luzes da ribalta"** Antônio da Silva Filho
- Soneto** Walmor Cardoso da Silva
- Chove tanto** D. A. Mayr
- Humanitatis** Antônio Paladino
- Defunto no valado** J. M. Fontes
- Bairro miserável** Luiz Eugênio Ferreira
- 1 — **Notícia do Congresso** ... Salim Miguel
 - 2 — **Documentos do Congresso:**
 - I — manifesto de convocação
 - II — delegação de Santa Catarina
 - III — comissão diretora do 1º congresso
 - IV — convidados estrangeiros
 - V — resolução central do congresso
 - VI — recomendações
 - VII — telegrama de intelectuais portugueses
 - VIII — poetas no congresso Aluizio Medeiros, Antonieta Dias de Moraes, Fernando Correia da Silva, Joaquim Gutierrez
 - IX — questionário da revista
 - X — congresso de intelectuais . Suzy Cunha e Cruz
 - XI — breve conversa com Edison Nequete S. M.
 - XII — apêndice — breve nota sobre a realização de um congresso luso-brasileiro de escritores, com depoimentos de escritores portugueses
- Notas & comentários:** Maria de Lourdes Teixeira, Blanca Terra Viera, Moises Vellino, E. M., redação, divulgação do regulamento dos novos prêmios instituídos pelo salão de letras e artes "Carmen Dolores Barbosa"
- Recebemos e agradecemos** redação

Preço Cr\$ 5,00
Em Portugal 7\$50